UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Curso de Teatro Licenciatura
Departamento de Artes

Trabalho Conclusão de Curso

O Teatro na escola pública:

um campo de possibilidades

Lucas Ulguim Porto

Pelotas, 2018

Lucas Ulguim Porto

O Teatro na escola pública:

um campo de possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Professora Dr.ª Andrisa Kemel Zanella

Pelotas, 2018

Lucas Ulguim Porto

O Teatro na escola pública: um campo de possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 06/12/2018

Banca Examinadora:

.....
Prof. Drª. Andrisa Kemel Zanella (orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. Drª. Fabiane Tejada da Silveira
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Prof. Dr. Dirlei de Azambuja Pereira
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Para minha avó Ana Virgínia de Ávila Porto. Antes de sua morte deu-me o quadro de formado do meu pai. Foi o combustível de várias vezes que pensei nos possíveis fracassos e claro minha família.

Grato, com amor Lucas Ulguim Porto

Agradecimentos

Ao meu pai, Carlos Miguel de Ávila Porto, que sempre esteve ao meu lado em todas as decisões da minha vida.

À minha mãe, Liliana Ulguim Porto, que sempre me ensinou e educou com todo amor e carinho e nunca deixou faltar nada.

Aos meus avós paternos, mesmo nem sempre podendo estar ao meu lado, sou grato por ter tido experiências com eles.

Aos meus avós maternos que, mesmo com brigas entre familiares, nunca negaram ajuda.

À minha irmã, Camile Ulguim Porto, que tira horas em cima dos cadernos e faz-me refletir como deveria também ser mais dedicado desde o início.

Aos meus amigos, que sempre dividiram as dificuldades comigo e também momentos maravilhosos.

À minha namorada, Stefanie Aires dos Santos, pois desde que a conheci sempre me apoiou em todos meus projetos e perspectivas, mesmo sabendo que eu sou meio louco e meus sonhos pareçam surreal.

À minha família em geral, tias, tios, avós, primos e primas.

Aos meus professores que sempre me deram as melhores dicas e melhor aprendizado que pude ter. Principalmente à minha orientadora Andrisa Kemel Zanella que, desde o meu Estágio I, sempre esteve ao meu lado me apoiando em todas as decisões e concedendo liberdade para minhas criações e reflexões. Grato por conhecer e ter feito parte de meu ensino.

Á minha banca examinadora, Dirlei de Azambuja Pereira e Fabiane Tejada da Silveira, que fizeram parte da minha trajetória e de minha história, do meu ensino e aprendizagem, existem muitos presentes na vida, porém, os que eles me deram ninguém no universo pode tirar.

A todos meus professores, desde meu ensino básico, pois foi lá todo estímulo inicial que tive como estudante.

Ao criador do universo, Deus, que é onde busco a fé e força, aquele que pode estar em todos os lugares por onde ando e também me dá forças quando peço.

Obrigado a todos que contribuíram em minha formação como ser humano.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Paulo Freire).

Resumo

PORTO, Lucas Ulguim. **O Teatro na escola pública**: um campo de possibilidades. 2018. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Teatro Licenciatura) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido na área do Teatro – Licenciatura e apresenta como temática o Teatro e suas possibilidades na escola pública. Teve como objetivo realizar um estudo sobre a inserção do Teatro na escola e as suas possibilidades na formação do aluno da educação básica. Para isso, realizou-se um estudo de caso em uma escola pública na cidade de Pelotas/RS. A coleta dos dados foi realizada a partir de observação, entrevista semiestruturada e conversa informal com o professor de Teatro da escola e roda de conversa com os alunos. A intenção foi lançar um olhar atento para o contexto em questão, enfocando os significados e sentidos do Teatro na escola. A discussão foi embasada em Ferreira e Falkembach (2012) e em Soares (2010), principalmente. Considera-se estas duas autoras aportes teóricos fundamentais para aprofundar as diversas maneiras de compreender o Teatro na escola. Cabe ressaltar que o Teatro como campo de possibilidades na educação representa ingressar na escola e na sala de aula e, a partir do trabalho teatral, provocar o aluno, instigando-o a sair de sua zona de conforto para fazê-lo agir, refletir, criar e se expressar corporalmente, disponibilizando-se ao lúdico e ao jogo. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o olhar para o Teatro como linguagem a perpassar a formação do aluno da Educação Básica, reforçando e afirmando a importância da Arte como componente fundamental na escola.

Palavras-chave: Teatro na escola pública; linguagem teatral; possibilidades.

.

Abstract

PORTO, Lucas Ulguim. **Theater in public school**: a field of possibilities. 2018. 66f. Completion of course work (Drama Graduation Course) - Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

This Course Completion Work was developed in the area of Theater - Licenciatura and presents as a theme the theater and its possibilities in public school. The purpose of this study was to study the insertion of theater in school and its possibilities in the formation of the student of basic education. For this, a case study was carried out at a public school in the city of Pelotas / RS. The data collection was done from observation, semi-structured interview and informal conversation with the school's theater teacher and discussion group with the students. My intention was to cast a close eye on the context in question, focusing on the meanings and meanings of theater in school. The discussion was based on Ferreira and Falkembach (2012) and Soares (2010), mainly. I consider these two authors the fundamental theoretical contributions to deepen the various ways of understanding theater in school. It is important to emphasize that theater as a field of possibilities in education represents entering the school and the classroom and from the theater work provoke the student, instigating him to leave his comfort zone, to make him act, reflect, create, express yourself bodily, being available to the ludic and the game. I hope that this research can contribute to broadening the view of the theater as a language to permeate the formation of the student of Basic Education, reinforcing and affirming the importance of Art as a fundamental component in the school.

Keywords: theater in public school; theatrical language; possibilities.

Lista de Quadros

Quadro 1 Levantamento de pesquisas..... 21
Quadro 2 Refinamento da pesquisa..... 22

Lista de Figuras

Figura 1 Estágio I - Exercício Espelho..... 16
Figura 2 Estágio I - Passeio com turmas da Escola na Baronesa..... 16
Figura 3 Estágio II - Exercício no pátio da escola..... 17
Figura 4 Estágio II - Pensando em Cenas de Improviso..... 18
Figura 5 Estágio III - Preparando festa das Bruxas..... 18
Figura 6 Estágio III - Festa do Dia das Bruxas..... 19

Sumário

1 Introdução 11
1.1 O que me levou a pesquisar o que eu pesquiso? 13
2 Levantamento de pesquisas sobre a temática investigada 21
3 O Teatro na escola: uma breve reflexão sobre possibilidades e desafios 28
4 Metodologia.....34
5 O contexto da Pesquisa 36
6 Dos Achados da pesquisa 38
6.1 Diário de campo 38
6.2 Entrevista.....41
6.3 Roda de conversa 42
7 Considerações Finais 44
Referências 46
Apêndices 48
Anexos 65

1 Introdução

Este trabalho, decorrente de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, traz como temática o Teatro e suas possibilidades na escola. O meu interesse neste estudo vem da experiência que tive durante o estágio como aluno e futuro professor de Teatro, momento em que pude analisar situações que despertaram minha atenção para o Teatro na educação. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é realizar um estudo sobre a inserção do Teatro na escola e as suas possibilidades na formação do aluno da educação básica. Como objetivos específicos busco conhecer como o Teatro se insere no contexto da escola pública, problematizar as potencialidades da linguagem teatral na formação do aluno da educação básica e analisar as possibilidades do Teatro na escola.

Como futuro professor de Teatro, muitos foram os questionamentos sobre as possibilidades do Teatro na escola e suas repercussões na formação do aluno. Tais questionamentos me levaram a elaborar o seguinte problema de pesquisa: Quais as possibilidades que surgem quando o Teatro se faz presente em uma escola pública do município de Pelotas?

A ideia do Teatro como campo de possibilidades é inspirada em Soares (2010), que ressalta a necessidade de:

> trabalhar com a ideia de que o campo das possibilidades é de uma riqueza enorme; a possibilidade criativa está ali na sua potência prestes a se manifestar. O esboço de um personagem traçado dentro de sala de aula na sua existência ínfima é uma experiência significativa (Ibid., p. 98).

Para mim, o Teatro como campo de possibilidades na educação representa ingressar na escola e na sala de aula e a partir do trabalho teatral provocar o aluno, instigando-o a sair de sua zona de conforto, para fazê-lo agir, refletir, criar e se expressar corporalmente, disponibilizando-se ao lúdico e ao jogo. Ou seja, penso o Teatro como a possibilidade de trabalhar com o infinito da criação, tendo como ponto de partida a realidade existente, seja ela com infraestrutura ideal ou não.

Desde já, defendo neste trabalho que a inserção do Teatro no ambiente escolar amplia as possibilidades formativas, repercutindo em uma educação

reflexiva que proporciona elementos para a construção da autonomia, da criticidade e do protagonismo do aluno no mundo cotidiano. Esta proposição vai ao encontro de Galindo (2017), quando diz que

> a educação em Arte possibilita ao aluno expandir suas percepções sobre o mundo que o cerca. O aluno pode desenvolver a sensibilidade, a reflexão, a imaginação, a apreciação e a criticidade, não somente em relação ao conteúdo específico, mas sobre tudo que o cerca. Através do ensino de Arte o aluno conhece sua própria cultura e reflete sobre aspectos culturais do seu cotidiano, seus valores, seu modo de pensar e agir, a maneira como se relaciona com o outro e com o mundo e de que forma isso pode ser representado em uma produção artística (Ibid., p. 7).

Sendo assim, vê-se como a Arte pode ser transformadora no processo formativo de aprendizagem do aluno. Diante dessa perspectiva, a partir de um estudo de caso, busco analisar e discutir sobre o Teatro no contexto da escola pública. Para embasar as discussões empreendidas neste trabalho, alicerço-me em Ferreira e Falkembach (2012) e em Soares (2010) como aportes teóricos fundamentais para aprofundar as diversas maneiras de compreender o Teatro na escola.

O trabalho aqui apresentado possui a seguinte estrutura de capítulos:

Inicio com o que me levou a pesquisar o que pesquiso, momento em que relato minhas experiências, um breve percurso da minha vida acadêmica e quando foi o surgimento desta vontade de trabalhar as possibilidades do Teatro no contexto escolar. Em seguida, faço um levantamento de pesquisas sobre a temática investigada, buscando os trabalhos já publicados que abordam Teatro na escola. Posteriormente, o foco é o referencial teórico, com o embasamento teórico em duas referências: Carmela Soares (2010) e Taís Ferreira e Maria Fonseca Falkembach (2012). Elas contribuem para o aprofundamento da discussão sobre Teatro e suas possibilidades no contexto escolar. Então, parto para a metodologia, em que irei falar sobre os encaminhamentos metodológicos. No campo de pesquisa, momento seguinte, discorro sobre a escola em que está sendo feita a pesquisa. Após, trago os achados da pesquisa, que se trata da análise após todas as observações, entrevista, conversa informal e roda de conversa que realizei durante o período que estive inserido na escola. Para finalizar, as considerações finais, em que procuro refletir sobre os resultados da pesquisa.

1.1 O que me levou a pesquisar o que eu pesquiso?

Em 1994, na madrugada do dia 13 de agosto, nasci. Minha mãe e meu pai ainda não haviam escolhido meu nome e após muita discussão chegaram ao acordo que seria Lucas. Assim, inicia-se meu caminho neste mundo.

A cidade em que eu nasci é pequena, aproximadamente 12 mil habitantes em perímetro urbano. Um lugar tranquilo para criar uma criança.

Meus pais sempre investiram em minha educação para que eu tivesse uma boa qualidade de ensino. Mesmo que estudasse em escolas públicas, eles acompanharam todo o meu percurso formativo, exigindo dedicação. Acredito que esse cuidado é decorrente do fato de que eles também são professores. Minha irmã nasceu antes de mim. Ela sempre foi bem dedicada aos estudos e os meus pais esperavam o mesmo de mim. Por outro lado, eu nunca tive muito interesse em estudar, nem ao menos respeitava o trabalho dos professores, eu estava lá por estar. Eu preferia ficar o dia todo na rua, brincando, sendo criança. Enquanto jogava futebol, videogame, entre tantas outras atividades divertidas, descobria-me.

Lembro-me perfeitamente quando entrei a primeira vez na escola. Em 2000 foi meu ingresso na escola e o primeiro contato que tive com aquele novo ambiente chamado sala de aula. A professora apresentou o quadro negro e então tudo começou. Depois de um tempo, pude refletir sobre todo esse processo e sobre a escola. Eu estava sentando nas mesmas cadeiras que meus pais haviam sentado anos atrás e estava aprendendo a ler no mesmo quadro, as paredes tinham apenas sido pintadas, por trás da tinta nova ainda existia a tinta velha e provavelmente a única coisa que deveria ter mudado era a maçaneta da porta que, de tanto abrir, quebrou.

Não havia uma biblioteca com bons livros, sem televisão ou projetor, sem DVD para que pudesse ser apresentado um trabalho ou conteúdo importante, as janelas não tinham proteção, sendo que havia três andares, e inúmeras partes do pátio estavam interditadas por motivos de desmoronamento do prédio.

Quando ingressei na 8ª série em 2009, comecei a pensar mais sobre as questões e os problemas dos professores, mas foi somente quando ingressei na UFPel que passei a me preocupar e refletir sobre o que leva as pessoas a serem educadores?

Durante toda minha vida estudei em escolas públicas, mas geralmente quando se está imerso dentro destes contextos escolares não se nota as falhas que o sistema proporciona. Hoje, percebo que a situação precária também é decorrente da desvalorização dos professores. E o professor tem um papel muito importante na formação do sujeito.

No desenvolvimento de uma criança, o professor torna-se um grande divisor de águas, pois quanto mais imerso você estiver dentro de sala de aula, mais você terá oportunidade de trazer seu aluno para dentro do mesmo ambiente, caso seja o contrário, poderá ensiná-lo a ser um repetidor de informações.

Existem salas de aulas tradicionais, em que os alunos passam o tempo todo sentados uns atrás do outro, como uma verdadeira “pedagogia da nuca”, com uma grande quantidade de conteúdos que nem entendem o porquê de aprender o que lhes é ensinado. Além disso, o sistema não oferece recursos, tanto para professores quanto para alunos. Para Soares (2010, p. 23):

> As salas abarrotadas de alunos, o espaço amontoado de cadeiras, o número excessivo de turmas, a rigidez do horário, a dificuldade de uma relação dialógica entre professores e alunos, o caráter ainda fundamentalmente “tradicional” da educação, a ausência de uma estrutura organizacional mais democrática, os interesses econômicos hegemônicos que favorecem uma pequena parcela da população.

A autora se refere a esses problemas de sempre, problemas que vem de gerações, os mesmos problemas que também vivenciei nos meus estágios e que relatarei posteriormente.

Em 2014, ingressei na UFPel (Universidade Federal de Pelotas), no curso de Licenciatura em Teatro. Entrei com um foco voltado para a prática artística, ou seja, almejava me formar como ator. Foi apenas no estágio I que voltei minha atenção para o campo pedagógico e comecei a pensar sobre os problemas da educação. Durante o estágio, descobri o poder da palavra, o poder que um professor tem quando está dentro de sala de aula de ser um formador de opiniões e como o Teatro potencializa uma outra prática no contexto escolar. A valorização dos professores também foi alvo das minhas reflexões. Esse conjunto de acontecimentos foi o que me levou a essa pesquisa.

Logo no início das minhas aulas na universidade, achei que poderia ser algo no estilo ensino médio e que tudo que iria estudar fossem coisas para passar o tempo e obter um título no final do curso. Eu estava extremamente engado! Foi um

processo doloroso e árduo superar os vícios e o desinteresse que o ensino básico me proporcionou.

As aulas na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) proporcionaram não apenas uma outra forma de me relacionar com os estudos, mas uma consciência de meu papel na formação de outras pessoas. Eu aprendi tarde demais essas situações e precisava mudar o mais rápido possível.

Minha experiência com o ensino de Teatro foi extremamente importante e ao mesmo tempo desafiadora. Não foi fácil entrar em uma sala de aula como professor, mesmo tendo elaborado o plano de ensino e planos de aula. Não tinha experiência. Naquele momento, não conseguia fazer a relação entre a teoria estudada nas pedagogias do Teatro e a prática que estava realizando.

Minha primeira experiência como professor em sala de aula foi na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Francisco Simões, Pelotas/RS, sendo completamente desastrosa. Achei que saberia lidar com as situações que aconteciam. Era um terrorismo, não tinha voz para meus alunos, não sabia lidar com os barulhos da sala de aula, gritos, batidas de classes, alunos levantando saindo e entrando e simplesmente as coisas foram tomando proporções desastrosas. Eu, na posição de aluno, não imaginava como era a posição de professor. Minhas primeiras aulas eram em duplas e geralmente eu não falava muito, acabava ouvindo muito mais minha colega, que no decorrer dos dias foi mudando todo plano de ensino que havia sido feito. Fiquei completamente perdido e o pior é que não sabia retomar o controle desta situação.

Por fim, acabamos faltando três aulas, a vice-diretora deu ordem para que minha colega não entrasse mais na escola e nem sabia da minha existência como parceiro de estágio. Fui conversar com ela sobre o ocorrido, falar com minha orientadora para poder voltar e terminar o estágio. Tinha apenas duas semanas de aula. A escola me disponibilizou todas as manhãs destas duas semanas. Eu, sem experiência, sentindo-me perdido, tinha que ministrar quase 20 horas de aula.

No meu primeiro estágio, não soube lidar com as situações da realidade de mudança de planos. Foi nesta perda de controle que encontrei tudo o que precisava, a resposta que anos atrás pouco me importava se iria responder.

A minha orientadora do estágio confiou em minhas futuras promessas de melhoria, dando-me um voto de confiança, não me deixando desistir. Eu sabia o que viria pela frente, mas desta vez estava pronto para encarar.

Figura 1- Estágio I – Exercício Espelho

Figura 2 - Estágio I - Passeio com turmas da Escola na Baronesa

Então, tudo retomou no estágio II, a única diferença do estágio I para o II é que dessa vez eu estava pronto para encarar e certo que não queria passar pelas mesmas coisas que havia passado. Meu segundo estágio foi ministrado na escola Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Pelotas/RS.

No estágio II fui com pensamento mais focado sobre minhas propostas e sobre como avaliar meus alunos, não queria me impor com uma postura autoritária, mas precisava estar à frente se algo desse errado. Sempre ia para as aulas com

horas de antecedência. Minha primeira experiência tinha sido tão frustrante que pensava que algo de errado poderia surgir no caminho. Assim, eu estaria preparado se algo não desse certo, mas teria tempo para corrigir.

Usei uma estratégia para lidar com os imprevistos que poderiam surgir: elaborava até três planos de aula para o mesmo dia para lidar com imprevistos, como chuva ou não haver interesse pela atividade proposta.

O estágio II foi maravilhoso. A escola me deu o suporte em tudo que eu precisava, tanto em relação aos materiais quanto a infraestrutura.

Durante as aulas tive a oportunidade de realizar exercícios de improviso com a turma, construindo cenas com todos participando. Pelo Teatro, os alunos tiveram a chance de opinar e enriquecer o trabalho a partir de uma proposta colaborativa.

Tudo foi diferente neste estágio, pois eu conseguia prever certas situações, consegui desenvolver trabalhos escritos, realizei trabalhos práticos e em comparação com o primeiro estágio eu apresentava uma postura mais comprometida como professor. A experiência do primeiro estágio repercutiu no segundo e assim sucessivamente até o III. Cada vez me sentia mais entusiasmado como professor.

Figura 3 - Estágio II - Exercício no pátio da escola.

Figura 4 - Estágio II - Pensando em Cenas de Improviso.

E então cheguei ao último estágio, o estágio III, que foi ministrado em duplas novamente. Minha parceira de estágio foi a colega Dana Pestano e realizamos o estágio na Casa da Gestante no Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP). Em questões de organização, projeto e antecipação de fatos, o estágio ocorreu tudo bem.

Figura 5 - Estágio III - Preparando festa das Bruxas

Figura 6 - Estágio III - Festa do Dia das Bruxas

O estágio III teve muitas mudanças. Particularmente tive uma grande motivação como professor, pois vivi uma realidade diferente, experienciando o ensino de Teatro na comunidade com gestantes. Tivemos todo o apoio da nossa monitora na instituição, que nos coordenou dentro e fora da instituição, estando completamente imersa em nosso trabalho do início ao fim.

Este estágio me fez repensar em várias questões. A prática de estar em uma instituição cuja proposta é estar fora da sala de aula convencional aperfeiçoando o seu ponto de vista, pois se aprende a lidar melhor com cada situação.

Em cada estágio, cada experiência, sentia-me mais apto e mais forte, sentia-me muito melhor e muito mais responsável. Estagiar em uma instituição é completamente diferente de estagiar em uma escola, pois mesmo que você enfrente problemas também, os problemas são diferentes e as pessoas com quem você trabalha são diferentes: adultos e crianças se misturam em um único ambiente e inesperadamente os adultos sempre gostam de participar das atividades. Normalmente, quando os adultos encaram uma atividade é sempre executada de forma mais séria que os adolescentes.

A partir de tudo que vivi nos três estágios, percebi que o Teatro se insere em diferentes contextos e momentos.–O conteúdo do Teatro proporciona uma relação com outros saberes e linguagens. Ainda é comum encontrar nas escolas a representação de Teatro como um “teatrinho”, que consiste em decorar um texto,

colocar um figurino e representar um personagem, porém, o Teatro vai além desta mera concepção criada tradicionalmente como forma de entretenimento.

O Teatro é uma linguagem cênica de ator para ator e ator para espectador, que potencializa a criatividade, a imaginação, a expressividade do corpo e dá voz a cooperação de grupo, a partir de metodologias que instigam o sujeito a pensar sobre si e o mundo que o rodeia.

O Teatro me fez refletir sobre mim mesmo, mudou o modo em que eu me influenciava, como se eu abrisse os olhos para o mundo. Se antes caminhava apenas para uma direção, o Teatro me gerou essa possibilidade de pensamento de mudança, onde assumi esse papel de ser humano na sociedade, deixando de ser um julgador e me tornando uma pessoa que aprende um pouquinho com cada um que cruza diretamente ou indiretamente comigo. E é por ter vivido tantas mudanças durante a vivência pedagógica no Curso de Teatro que eu optei por realizar esta pesquisa de conclusão de curso, que enfoca o Teatro como campo de possibilidades no contexto da escola pública.

O estágio foi o início de tudo, aquilo que me levou a pesquisar o que pesquiso. Foi com reflexões que tive após as aulas do estágio que pude perceber o quanto precisava discutir as questões de educação. O interesse de estudar as possibilidades do Teatro em escolas parte das experiências que tive como aluno no Curso de Teatro, no momento em que realizei o estágio, provocando meu interesse em aprofundar os estudos sobre educação, Teatro nas escolas e formação do ser humano.

2 Levantamento de pesquisas sobre a temática investigada

Nesta pesquisa, realizei um levantamento de dados para tomar conhecimento dos trabalhos já publicados na área em que venho desenvolvendo meus estudos. Tive como base dois sites, o primeiro foi o Blog do Curso Teatro Licenciatura UFPel e o segundo foi o Google Acadêmico[1], onde limitei as buscas com as palavras-chave: “Teatro em sala de aula”, “Teatro na escola pública” e “Teatro na sala de aula”. As palavras tem vinculação com o meu objeto de estudo.

O quadro abaixo representa essa busca, mostrando também os resultados de cada palavra-chave.

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas

Levantamento de Pesquisa	**Blog do Curso Teatro Licenciatura UFPel**
TCCs do curso UFPel	85
Levantamento de Pesquisa	**Google Acadêmico**
Teatro em sala de aula	234
Teatro na escola pública	82
Teatro na sala de aula	246

Os resultados quantitativos acima mostram um grande número de trabalhos. Dentre todos estes trabalhos, realizei uma seleção onde busquei qual se encaixava ou aproximava-se mais do meu objetivo, temática e autores que pesquiso. Os trabalhos escolhidos contemplam de maneira significativa a temática que estou investigando, por isso os escolhi a partir da seleção mencionada acima. Cheguei ao número de três por segmento, por apostar que poderia ter uma pequena amostra do que vem sendo publicado no Brasil sem me alongar, tendo em vista que tenho como foco olhar para o Teatro na escola pública no município de Pelotas/RS.

[1] Eu optei por estes dois sites de busca por considerar que o Google Acadêmico apresenta uma diversidade de trabalhos realizado no Brasil e o Blog do Curso por entender que é importante olhar para o contexto que estou inserido.

Quadro 2 – Refinamento da pesquisa

Levantamento de Pesquisa	**Blog do Curso Teatro Licenciatura UFPel**
TCCs do curso UFPel	• GALINDO, Tais. **Título:** Teatro nas escolas: análise de duas práticas docentes de egressos da UFPel. • ABREU, Aline. **Título:** A Contação de Histórias e a Utilização de Jogos Teatrais na Sala de Aula: Possibilidades para o Trabalho do Unidocente. • BARROS, Graziela. **Título:** A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de Teatro na escola Raphael Brusque.
Levantamento de Pesquisa	**Google Acadêmico**
Teatro em sala de aula	• ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. **Título:** A importância do Teatro na formação da criança. • Marinês de Medeiros. **Título:** Experiência de Teatro: uma possibilidade de transformação na educação. • Emanuelly da Silva, Jessica Miranda Abreu. **Título:** A eficácia do Teatro em sala de aula.
Teatro na escola pública	• Afrânio Duarte Silva Júnior, Ricardo Diógenes Dias Silveira. **Título:** O Teatro como ferramenta de ensino e aprendizagem no ensino médio: uma análise das escolas públicas de Urutaí e Pires do Rio • Celida Salume Mendonça. **Título:** Teatro na Escola Pública: um Direito. • *Danielle Rodrigues de Moraes.* ***Título:*** Teatro na cena escolar - por uma educação de corpo inteiro.
Teatro na sala de aula	• Ana Lucia Ribeiro da Silva. **Título:** Do ensinar e do aprender Teatro na sala de aula: criando e improvisando no colégio estadual Odorico Tavares. • *Francisco Vieira Nascimento, Juliano Ciebre dos Santos.* ***Título:*** A inclusão do Teatro na educação, faculdade de ciências sociais de Guarantã do Norte-MT. • *Célio César da Silva.* ***Título:*** O fazer teatral e sua relação com a educação.

A pesquisa foi feita através de uma leitura do resumo, título e objetivo geral, compreendendo um período de 2008 até 2018, sendo que destes últimos anos a pesquisa por este assunto tem aumentado considerável.

Hoje em dia, o Teatro na educação vem ganhando cada vez mais espaço. É perceptível acompanhar este crescimento pelo número de pesquisas encontradas. Durante a sua formação, os arte-educadores, em especial, os professores de Teatro,

estão cada vez sendo mais preparados para este processo de pesquisa, repercutindo também no ensino e na aprendizagem do Teatro.

Cabe ressaltar que antes do ingresso no Curso de Licenciatura eu não tinha ideia de como o Teatro poderia ser uma linguagem de grande importância e contribuição para a Educação. Mas após as experiências vividas no Curso, percebo o quanto o Teatro na escola deve ser problematizado e investigado como possibilidade de outras maneiras de efetivar a formação da criança, jovem e adulto no Brasil. Este estudo do Teatro na educação tem sido mais valorizado. Hoje em dia se tem professores mais qualificados para ministrar o Teatro em sala de aula. Segundo Soares (2010, p. 17):

> Atualmente percebe-se uma mudança em relação ao perfil do professor de Teatro-Educação no Brasil. Ao contrário do que ocorreu nas últimas décadas, existe hoje, atuando nas escolas, um professor mais preparado para ensinar Teatro enquanto linguagem teatral.

A partir destas buscas, abordo trabalhos que apresentam uma relação com a presente pesquisa. Começarei apresentando aqueles que destaquei na pesquisa no Blog do Curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, dentre eles o trabalho de Tais Dias Galindo (2017), intitulado “Teatro nas escolas: análise de duas práticas docentes de egressos da UFPel”. A autora traz uma relevante reflexão sobre como os professores tem influência sobre seus alunos, mostrando também formas de contribuição do Teatro para a educação do jovem e também do professor egresso. Para Galindo (2017, p. 35):

> vários aspectos positivos circundam o trabalho de Teatro desenvolvido no ensino básico, pois os professores representam muito para os seus alunos, para a educação na atualidade e para a formação de novos educadores teatrais. A formação docente em Teatro conversa diretamente com a prática de seus egressos, que consequentemente dialoga com a formação social do brasileiro através da educação.

A autora fala sobre os novos professores de Teatro como um processo transformador, tanto para o aluno quanto para a sociedade, sendo que o ensino básico serve de alicerce já que o aluno irá se espelhar no professor.

Outra pesquisa é a de Aline de Abreu da Luz (2014), intitulada “A Contação de Histórias e a Utilização de Jogos Teatrais na Sala de Aula: Possibilidades para o Trabalho do Unidocente”. Em um dos seus capítulos, ela fala sobre o pouco tempo que o arte-educador tem para realizar suas propostas. Para ela:

> Como dar conta de uma proposta de experimentação prática com os alunos em apenas um período por semana? Isto sem considerar o tempo para o deslocamento da turma até uma sala mais apropriada (sem móveis e com espaço para o desenvolvimento de exercícios e Jogos Teatrais), ou na organização das cadeiras e classes antes e depois do trabalho prático em uma sala de aula convencional (LUZ, 2014, p. 20).

Essa questão faz parte da realidade do arte-educador, sendo difícil propor uma prática teatral em pouco tempo. Eu passei por isso em meus estágios e muitos ainda passam.

O terceiro trabalho é de Graziele Soares de Barros (2014), também formada em Teatro Licenciatura (UFPel), onde ela estuda sobre "A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de Teatro na escola Raphael Brusque", destacando questões do corpo e suas linguagens. Para Barros (2014, p. 24):

> o Teatro traz em seus conteúdos a expressão corporal, ou seja, uma forma de linguagem baseada no corpo. Tal conceito deve ser encarado como qualquer outro tipo de linguagem, pela qual todos nos expressamos. Se existe certa importância em ler e escrever para se comunicar com o mundo, aprender a expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos, com o "corpo inteiro" dever-se-ia ter o mesmo grau de relevância. A expressão corporal é mais uma forma de diálogo.

Essa é uma das possibilidades do Teatro, explorar as potencialidades do corpo, ampliando e exercitando a expressividade do ser humano.

Em relação às pesquisas realizadas no Google Acadêmico, no que concerne ao Teatro em sala de aula, trago o artigo de Silmara Lídia Moraes Arcoverde (2008), com o título "A importância do Teatro na formação da criança". Este artigo fala sobre a importância que o Teatro tem na formação e no desenvolvimento da criança. Para Arcoverde (2008, p. 2):

> Trabalhar com o Teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o Teatro em sala de aula.

Também destaco o trabalho "Experiência de Teatro: uma possibilidade de transformação na educação" de Marinês de Medeiros (2010). Para ela:

> Através da representação de um personagem da história criada, concomitantemente a criança aprende a se colocar no lugar do outro. O Teatro dessa forma cria possibilidades de compreender as semelhanças e principalmente as diferenças entre as crianças, fazendo com que sejam agentes de transformação de convivência (MEDEIROS, 2010, p. 14).

A autora ressalta a importância do Teatro como possibilidade de proporcionar a convivência, apostando nas relações sociais como meio de transformação.

Já as autoras Emanuelly da Silva e Jessica Miranda Abreu (2017), em “A eficácia do Teatro em sala de aula”, ressaltam que

> Trabalhando a inclusão do Teatro em sala de aula a partir das séries iniciais, como por exemplo, em aulas de matemática, explicando os princípios básicos por meio de peças teatrais, em aulas de história para ilustrar os acontecimentos históricos interpretando personagens dentre muitas outras formas de implementação do Teatro em sala de aula. Estimulando assim o trabalho em grupo, aumentando dessa forma, o envolvimento e consequentemente o aprendizado dos alunos (SILVA; ABREU, 2017, p. 10).

As autoras enfatizam a inclusão do Teatro em outras disciplinas como forma de estimular o trabalho em grupo e a construção de saberes. Desta maneira, o Teatro insere-se como uma linguagem potente para promover o aprendizado de forma interdisciplinar.

Em relação ao Teatro na Escola Pública, destaco os trabalhos de Afrânio Duarte Silva Júnior, Ricardo Diógenes Dias Silveira e Paulo Geovane de Cantuário Ferreira (2018), que realizaram um artigo intitulado “O Teatro como ferramenta de ensino e aprendizagem no ensino médio: uma análise das escolas públicas de Urutaí e Pires do Rio”, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí, Urutaí/GO. Para estes pesquisadores:

> Durante o processo educacional as abordagens metodológicas ou métodos se tornam ferramentas por excelência, sendo estratégias utilizadas pelo profissional docente na busca de diversificar sua abordagem no processo de ensino/aprendizagem, cabendo ao professor ser agente mediador do conhecimento (SILVA JÚNIOR; SILVEIRA; FERREIRA, 2018, p. 1).

Compartilho da ideia do professor ser um mediador de conhecimento, não sendo um professor ditador de regras, mas um professor com capacidade metodológica, obtendo uma diversidade no processo de ensino. Ser um mediador do conhecimento é muito enriquecedor, pois há uma troca de experiências entre aluno e professor e esta troca não pode ser ignorada. A partir desta troca, o aluno construirá o seu conhecimento alicerçado em um processo significativo de aprendizagem.

Outro estudo que chamou a atenção é o de Celida Salume Mendonça (2015), realizado para o “Caderno do GIPE-CIT”, com título de **“**Teatro na Escola Pública: um Direito”. Para a autora:

> Pensando no nosso olhar de educadores, nas mais adversas condições de trabalho, é importante que tentemos, de tempos em tempos, nos distanciar de nossas ações, pois muitas vezes somos engolidas por elas. Para tanto, é importante que acreditemos que nossa maneira de olhar o mundo, e agir nele, pode modificar significativamente nossas relações (e em decorrência, o mundo) (MENDONÇA, 2015, p. 14).

A autora fala sobreo educador se distanciar das próprias ações, porque às vezes, sem perceber, pode oprimir ideias e impor pensamentos como se sua realidade e experiência servisse para todos de uma forma igual ao outro que é diferente. Por isso, é importante sempre rever as ações e as maneiras de expressar ideias, pois haverá diversas condições de trabalho na vida do arte-educador.

Danielle Rodrigues de Moraes (2011), em o “Teatro na cena escolar - por uma educação de corpo inteiro”, ressalta que:

> Até mesmo nos espaços fora da sala de aula havia controle; por exemplo, o recreio. Mesmo sendo um espaço mais permissivo, era bastante controlado, já que uma parte do tempo era destinada à merenda, a outra parte à formação de filas para entrada ou saída da sala. Tudo isso pode ser considerado mecanismo de controle no ambiente escolar. O espaço da escola, a partir de mecanismos disciplinares, foi se transformando em um espaço celular, um espaço que vigia e torna mais econômica a atividade corporal, funcionando como um maquinário que esquadrinha e articula indivíduos e que produz atitudes e comportamentos que ajustam o corpo ao espaço físico (Ibid., p. 97).

A autora ressalta os mecanismos disciplinares que transformam a escola num espaço de absoluto controle. Isso foi perceptível durante as práticas de estágio. Percebo o quanto o espaço escolar condiciona formas de ser, estar e agir cotidianamente.

E para finalizar trago os trabalhos referente ao Teatro na sala de aula. Iniciando pelo trabalho de Ana Lucia Ribeiro da Silva (2016), intitulado “Do ensinar e do aprender Teatro na sala de aula: criando e improvisando no colégio estadual Odorico Tavares”. A autora enfatiza a

> capacidade do Teatro de liberar as potencialidades da criação e transformar positivamente a realidade a sua volta. Os jogos de improvisação motivam e incentivam o estudante para que este seja capaz de expressar as próprias experiências e capacidades, adormecidas pela falta de estímulo (SILVA, 2016, p. 2).

A presente pesquisa tem muito do que Silva (2016) aponta sobre as

potencialidades de criação e reflexão de si mesmo e do mundo ao seu redor a partir do fazer teatral. O Teatro, ao ser trabalhado na escola, apresenta-se como um elemento potente e motivador para que o aluno expresse seus potenciais.

No trabalho de Francisco Vieira Nascimento e Juliano Ciebre dos Santos (2013), intitulado “A inclusão do Teatro na educação, Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte-MT”, é considerado que:

> As proposta educacionais devem compreender atividade teatral como uma combinação de atividades para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organizações estéticas e uma experiência que faz parte das culturas humanas (NASCIMENTO; SANTOS, 2013, p. 4).

A socialização é de extrema importância, tendo em vista a troca de experiências e culturas. O Teatro estimula a vivência, a crítica e a reflexão sobre ela. Os autores propõem o desenvolvimento global e o processo de socialização entre indivíduos, para que haja uma ampliação tanto da parte cultural quanto social do indivíduo.

O último estudo que apresento é o de Célio César da Silva (2006), com título de “O fazer teatral e sua relação com a educação”. Para o autor:

> No que tange ao Teatro, o principal obstáculo, segundo os dirigentes de instituições, é a carência de profissionais capacitados na área específica, uma vez que a maioria dos professores acredita ser incapaz de dar cabo à tão engenhosa (e arriscada) tarefa (SILVA, 2006, p. 6).

Um dos pontos mais importantes que se tem é a falta de profissionais capacitados da área nas escolas. O quadro tem mudado, principalmente no contexto de Pelotas, nos últimos 10 anos, com a criação do Curso de Teatro Licenciatura, mas ainda é necessário uma maior inserção para que a área se consolide.

Estes resultados são alguns trabalhos que percebi que tem conexão com a presente pesquisa. No levantamento realizado, pude mapear como o Teatro se insere nas escolas e em escolas públicas, enfatizando também a cidade em que pesquiso, Pelotas/RS. Vejo que os estudos sobre essa temática nos últimos anos têm tido um aumento significativo, embora no Curso de Teatro Licenciatura da UFPel ainda poucos são os trabalhos realizados nesta área.

3 O Teatro na escola: uma breve reflexão sobre possibilidades e desafios

A Arte nos últimos anos vem conquistando seu espaço, principalmente na contemporaneidade. Diante disso, faz-se necessário considerar uma diversidade de elementos culturais, sociais, políticos, econômicos, entre outros, para promover a Arte e, neste contexto, o Teatro na escola. Para Ferreira e Falkembach (2012, p. 17), “pensarmos em como construir práticas pedagógicas com o Teatro nos dias de hoje, devemos tentar compreender as diversas formas de se fazer e perceber o Teatro e a teatralidade no mundo contemporâneo”.

Os currículos vêm contemplando didáticas e metodologias cada vez mais voltadas aos aspectos culturais e menos escolares. Segundo Hartmann e Ferreira (2009, p. 08):

> Este é um ponto fundamental, que deve ser lembrado para pensarmos nesse novo lugar que a Arte, e sobretudo o Teatro, ocupa na contemporaneidade: não se pode mais buscar respostas ou soluções absolutas, pois nossas questões e problemas não são, definitivamente, os mesmos. E esta percepção de que somos sujeitos, produtos e produtores de sociedades, tempos, espaços geográficos, religiões, economias, sistemas políticos, não pode mais estar separada de nossa atuação docente.

Chega-se aqui à pluralidade cultural, que é um dos temas dos PCNs, porém, só surge no Brasil a partir de discussões ocorridas nos EUA e na Europa. Toda essa discussão está associada aos problemas sociais, como desigualdade, discriminação, entre outros. Segundo Hartmann e Ferreira (2009, p. 09):

> Multiculturalismo, que parte do mesmo prefixo (multi), está calcado, na perspectiva da arte-educação, no respeito às tradições culturais, artísticas e estéticas dos estudantes, ou seja, na contextualização de suas origens e de seus grupos sociais. Também entendido como pluralidade cultural, este é um dos temas transversais previstos nos PCNs. O conceito chega ao Brasil através de discussões iniciadas nos EUA e na Europa, relativas aos seus problemas sociais (preconceito racial, étnico, etc.).

Cabe destacar que a partir da lei nº 5692/71 a Educação Artística ganha espaço na escola. Porém, o Teatro e suas especificidades de ensino só ocorre a partir dos novos PCNs, no ano de 2000 (HARTMANN; FERREIRA, 2009).

A disciplina de Arte na escola durante muito tempo teve como enfoque as

Artes Visuais, consistindo em desenho, pintura, escultura etc., e ainda hoje isso prevalece em algumas realidades. Com os novos PCNs, reforça-se um movimento de reconhecimento, a partir do final dos anos 1990, das demais linguagens que passam a ser abordadas também nas aulas de Artes.

Meu contato com o Teatro só se deu em 2008, quando estava na 8ª série. Neste período, o Teatro ainda era visto como apenas um teatrinho de final de ano e foi exatamente o que foi feito nesta época. Os professores elaboraram uma peça teatral de final de ano e então resolvi participar. Hoje em dia, com o aumento do conhecimento específico de Teatro e formação nas universidades, o quadro de se fazer teatrinho tem mudado, mudança essa percebida também nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, como será visto mais adiante.

Ao pensar nas dificuldades em trabalhar o Teatro, diria que seria praticamente impossível desenvolver uma prática diante de tamanha falta de estrutura e condições apropriadas. Minha inserção na escola, como já relatei anteriormente, provou-me o contrário, que é possível abordar o Teatro como um campo de possibilidades no ambiente escolar.

Para fundamentar essa discussão, reporto-me à Carmela Soares (2010) e à sua problematização do Teatro como um campo de possibilidades. Ela traz a reflexão de que ao trabalhar o Teatro na escola, trabalha-se com a possibilidade criativa.

Diante disso, cabe mencionar que o ensino de Teatro em escolas públicas não é algo simples. O arte-educador passa por diversos fatores e contratempos, como trabalhar com períodos fragmentados ou até mesmo dois períodos e duas turmas ao mesmo tempo, inúmeros e variados alunos por turma e espaços sem estrutura. Enfim, são muitos obstáculos que o arte-educador tem de enfrentar. Manter a linearidade de trabalho muitas vezes é complicado, por este motivo trabalha-se com o efêmero, algo que se sustenta apenas naquele momento. Soares (2010) ressalta que o

> O ensino do Teatro na escola pública está sujeito a uma diversidade de fatores, que vão desde o número de alunos por turma, tempo, espaço disponível, até questões administrativas da própria escola que condicionam a relação ensino-aprendizagem. O grande número de turmas a serem trabalhadas, a especificidade e o perfil de cada grupo demandam um trabalho criativo enorme por parte do professor para a realização de seu pleno trabalho (Ibid., p. 25).

Sabe-se que no ambiente escolar o silêncio é tomado por diversos barulhos,

pois os alunos estão em constante agitação, porém, sempre que se começa um jogo os alunos, ou sua grande maioria, entram em um modo de atenção ao que está acontecendo. Para a referida autora:

> A aula de Teatro transcorre muitas vezes dentro de um clima de agitação e confusão. No entanto, quando o jogo teatral aparece, mesmo na sua tessitura indefinida, cria-se um espaço de suspensão, de silêncio, e a atenção de todos é dirigida para um mesmo ponto: o acontecimento teatral (SOARES, 2010, p. 44)..

Teatro na escola é jogo. E todos, neste contexto, estão em jogo, desde o local, ambientação e pessoas. Assim, trabalhar com as possibilidades é trabalhar com a criatividade, onde tudo são formas de descobertas. Segundo Soares (2010, p. 98):

> Estamos todos no jogo: escola, professor, aluno, a classe toda. Um jogo que esconde outros significados, que envolve uma rede de signos e desejos. Cada atitude, cada palavra, a sala, a sujeira do local, a cadeira atirada no chão, a provocação, o cheiro de pastel frito vindo da cantina, o material inutilizado jogado em um canto, o armário que não abre, a falta de água na escola, a falta de vassoura e pá, a rachadura na parede, a polícia no pátio, o garoto que fica na porta da cantina controlando a hora da merenda e faz tráfico de influências permitindo aos seus amigos furarem a fila. Cada signo tem seu valor

Nesta mistura de signos tudo se envolve, o jogo e as descobertas, e cada aluno é instigado a expressar-se, partilhando suas reflexões antes, durante e após o jogo. Diante disso, fazer Teatro nas escolas é sim um campo de possibilidades, de descobertas e de renovação.

Os jogos trabalham a espontaneidade, a concentração, a expressão vocal e a gestual entre uma série de outros fatores. Por meio destes jogos, criam-se inúmeras possibilidades, possibilidades de ser e estar neste local aprendendo com o Teatro. Possibilita-se também que o aluno possa exercitar o seu pensamento crítico, colocando-se como protagonista do que vive. Neste sentido, o aluno tem a possibilidade de se manifestar a respeito dos jogos que foram propostos e contar sua experiência aprendendo com estes jogos. Quando se enfatiza a criatividade e se estimula os o potencial de cada aluno, também se trabalha a possibilidade do trabalho em grupo e interação com seus colegas, apostando no coletivo e na partilha de experiência.

Neste sentido, o Teatro dentro da sala de aula é um campo potencializador da criatividade, pois tudo vira tudo, cadeiras são acentos de ônibus, mesas são camas, casas, ou seja, o lúdico toma forma. Ainda segundo Soares (2010, p. 91):

> A mesa foi transformada em vários outros objetos e espaços através de inciativas individuais ou de pequenos grupos. Assim, a mesa virou barco, trem, mesa de sinuca, montanha russa, sofá, barraco de favela etc. O jogo despertou prazer e os alunos se revezavam facilmente entre uma ação e outra com interesse e vontade.

Mesmo o Teatro sendo um grande campo de criação, o professor e os alunos devem compreender que para este processo se instaurar é preciso haver pactos que consistem em regras para que o acontecimento teatral e a prática aconteça.

Destaco, também, que para fazer e aprender Teatro é necessário apostar na relação como espectador. Ferreira e Falkembach (2012) explicam que,

> Para que o Teatro aconteça, deve haver um pacto entre artista e espectador, pacto esse muitas vezes não verbal, não escrito, não emitido e que se aprende no ato mesmo de ser espectador, de ir ao Teatro, ao cinema, ao circo, a recitais, concertos e a shows de música (Ibid., p. 15).

Vejo que é de grande importância as pessoas terem interações com cinema, espetáculos de Teatro, entre outros, para que tenham a possibilidade de entrar em contato com essas linguagens e construir outros conhecimentos pelo ato de ser provocado de diversas maneiras: pelo corpo, pelos sentidos, pelos sentimentos etc.

Segundo Soares (2010), a maioria da população não tem acesso a cinemas, Teatro e shows.

> Influenciados por uma cultura de massa que veicula valores transitórios, sem teor simbólico, conteúdo humano e formativo, jovens e adultos, principalmente da classe menos favorecida da sociedade, submetem-se a uma rotina alienante atrás de um balcão de padaria, como porteiro de prédio, entregador de pizza, empregada doméstica, e desperdiçam assim seu potencial criativo e transformador (Ibid., p. 100).

O melhor modo é começar pelo Teatro em escolas, realizando peças teatrais, instigando os alunos a participar, jogar, experimentar figurinos e passar pela experiência de interpretar um papel, estimulando a criatividade e potencializando o conhecimento cultural que gera novas possibilidades. Isto posto, porque o Teatro alcança os bens imateriais e potencializa o criativo.

Neste viés, a criação coletiva é necessária e importante. Criar, trocar experiências, ler textos e criar cenas envolve uma vivência que acontece coletivamente e que instiga o processo e não o produto final.

Essas experiências são relevantes para o ser humano como ser em formação, pois os gestos, a imaginação, a criatividade, a sensibilização e a espontaneidade, entre outros aspectos, são possibilidades que o Teatro gera. No

contexto escolar é muito importante para criança ou jovem adolescente entrar em contato com todo esse tipo de estímulo, afinal o professor deseja formar repetidores de informações ou sujeitos críticos e protagonistas no meio que estão inseridos?

É por meio de jogos e da encenação propriamente dita que o Teatro na escola colabora não só para a promoção do sentimento de pertencimento do aluno em relação à comunidade escolar, mas também para a ampliação do universo artístico e cultural, possibilitando o trabalho reflexivo, a capacidade de apreciação estética e, consequentemente, a formação de um ser humano consciente de suas diversas competências e habilidades.

Quando se fala em Teatro, certamente se falo de uma linguagem ampla que cria possibilidades dentro e fora da sala de aula, pois ele acontece em um espaço simbólico. Para Ferreira e Falkembach (2012, p. 11):

> O que torna um espaço teatral são as ações empreendidas nele: o Teatro se dá em um espaço simbólico que é constituído pela ação dos atores-jogadores, daqueles que participam do jogo teatral. Dessa forma a sala de aula pode se transformar em um espaço de jogo, em um espaço-tempo de criação teatral, onde imaginação, o corpo e a ação dos alunos estejam integrados na construção de novos saberes e competências expressivas.

O Teatro como aprendizagem em âmbito escolar provoca mudanças, sonhos, fantasias, entre outros aspectos, pois se centra no jogo e na aprendizagem coletiva. É um trabalho coletivo que busca o aprendizado compartilhado na interação social. E, ainda, é um aprendizado que engloba gestos, signos (o signo é o meio em que o outro receberá a informação e, posteriormente, irá decodificá-la) e trocas de experiências.

O fazer teatral desenvolve aspectos fundamentais na constituição dos sujeitos. Para Ferreira e Falkembach (2012, p. 15):

> Vivenciando com seus corpos e ações o fazer teatral, potencializa-se e torna-se outra relação como espectador das diversas linguagens cênicas, espetaculares e, por que não, midiáticas, além de desenvolver aspectos fundamentais de criatividade, imaginação, oralidade e expressão corporal, trabalho em grupo e cooperação, noções estéticas e éticas, entre tantas outras.

Trabalhar com o Teatro em sala de aula é um desafio. Penso em como fazê-lo de modo livre, como fugir de um sistema que é culturalmente imposto pela sociedade e regras que há anos permeiam o ambiente escolar? Mesmo com algumas dificuldades, acredito ser possível construir a possibilidade. Possibilidade que se dá na constante troca de saberes culturais entre alunos e professores.

Soares (2010) destaca que a

> A relação pedagógica é uma relação de troca, de diálogo, em que ambos, professores e alunos, alimentam um no outro a curiosidade e a vontade de conhecer. Portanto, o trabalho pedagógico só é um processo vivo se o for significativo tanto para os alunos como também para os professores (Ibid., p. 96).

O Teatro é um objeto de construção de cultura, ou seja, uma construção de linguagens que potencializa o olhar crítico. Esse processo dentro da escola e também fora dela cria a abertura de um espaço autônomo. Tudo que mencionei até aqui, não seria isso um campo de possibilidades?

4 Metodologia

Esta pesquisa teve como foco o Teatro na escola e suas possibilidades. Realizei um estudo de caso, inserindo-me em um contexto específico, uma escola pública, para coletar as informações. Tal escolha buscou um caminho metodológico com o intuito de contribuir na construção do conhecimento científico na área do Teatro - Licenciatura. Para Gil (2002, p. 27):

> O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Para que o conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação.

Este caminho foi realizado para aprofundar sobre determinado assunto. Isto não significou buscar verdades absolutas, mas um olhar atento para determinado contexto.

De caráter qualitativo, para esta pesquisa não busquei números, mas os significados e sentidos do Teatro no contexto escolar. De acordo com Minayo (1994, p. 21-22):

> a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...). Ela trabalha com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Assim, a investigação centrou-se em compreender um contexto específico, atentando às particularidades e significados revelados no decorrer do processo investigativo.

Para obter os dados, necessitei ir até o local, conversar e interagir com as pessoas. O local de pesquisa foi E.E.E.M. Escola Estadual de Ensino Médio Areal (Ginásio do Areal). Realizei entrevista com o professor de Artes, formado pelo Curso de Teatro - Licenciatura. O registro da entrevista foi feito em gravador digital e transcrita posteriormente. Também realizei observações em sala de aula, fazendo registros em um diário e através de imagens com câmera digital. Além disso, promovi uma roda de conversa com os alunos, onde questionei o que eles tinham a dizer sobre as aulas de Arte, em específico o Teatro.

Após a coleta dos dados, organizei o material e fiz a análise a partir de uma perspectiva interpretativa, buscando responder o problema de pesquisa proposto neste estudo.

Cabe ressaltar que, para Minayo (1994), deve-se fazer uma análise inteligente e exploratória.

> Na medida em que estamos tratando de análises em pesquisa qualitativa, não devemos nos esquecer de que, apesar de mencionarmos uma fase distinta com a denominação “análise”, durante a fase de coleta de dados a análise já poderá estar ocorrendo (Ibid., p. 68).

A autora não descarta a possibilidade de realizar a análise enquanto a coleta de dados ocorre. Esta questão é muito importante, pois sempre haverá conversas antes, durante e depois em busca dos dados, e desde o princípio se pode iniciar as análises que futuramente irão ser facilitadas. Nesta pesquisa, enquanto eu recolhia os dados, imediatamente já fazia uma breve análise, anotando os acontecimentos em aula e minhas observações sobre.

5 O contexto da pesquisa

A escola em que me inseri foi a Escola Estadual de Ensino Médio Areal, mais conhecida como “Ginásio do Areal”, localizada na Domingos de Almeida, 2684, R. José Valter de Oliveira - Areal, Pelotas - RS, 96085-470, tendo o seguinte número para contato: (53) 3228-2594.

A instituição tem amplos espaços, como salas de dança, Teatro, xadrez, sala de informática, duas quadras poliesportivas, além de contar com um jornal feito por um grupo de alunos da escola e projetos de dança contemporânea, orquestra, xadrez e capoeira. Conta com aproximadamente 80 profissionais, entre professores, profissionais da limpeza, coordenadores, secretários, diretor.

A escola atualmente está sob direção de Paulino Donato Igansi. Na área das Artes tem três professores atuando, sendo um deles formado em Filosofia e não em Artes.

A escola “Ginásio do Areal” recebeu autorização para seu funcionamento em 1970, mais precisamente no dia 13 de outubro. As primeiras atividades se iniciaram no dia 05/05/1971, sob direção de Sérgio Romeu Vianna da Cruz Lima.

Um grupo de professores (Nagilah Silva Pons, Ana Candida Rodrigues Amoni, Lair Isabel Brod Monteiro da Cunha, Gilson Del Grande Brauner, Edy Quintin, Hélio José Furtado, Francisco Julio Centeno, Marilia Montagna da Silveira, Mariza Pereira Lima e Oyara Paiva Carapeto) foi missionado a exercer as primeiras atividades letivas para um total de 97 alunos que ingressaram no Ginásio após um exame de Admissão que havia sido levado a efeito nos dias 14, 16 e 18 de dezembro de 1971, no Instituto de Educação Assis Brasil.

A partir de então, o Ginásio Estadual do Areal teve grande progresso no que se refere a número de alunos e organização interna. Em 1972, matriculou-se um número aproximado de 370 alunos. Em 1973, quando a direção estava sobe comando do diretor Carapeto, que assumiu em 23/03/1973, foram 500 os alunos matriculados[2].

Este foi o início da escola do Areal, que com o passar dos anos chegou até

[2] Construo esse texto a partir de um documento cedido pela escola.

2000 alunos. Hoje, no ano de 2018, está com 968 alunos, porém, muito bem estruturada. A escola atende nas modalidades de ensino fundamental e ensino médio.

Aproveito este espaço para falar um pouco sobre a realidade da escola e do professor, a partir das observações que realizei. Vejo que na escola do Areal os professores, no geral, são bem íntimos da escola e tem uma liberdade de criação e desenvolvimento de diversos projetos.

Os alunos, ao saírem para o intervalo das 10h às 10h15 da manhã, têm acesso a caixas de som espalhadas pela escola, em que são colocadas músicas para todos ouvirem, que variam entre rap, rock, funk etc. Além disso, há bancos de xadrez. O grêmio estudantil da escola é bem atuante e organizado.

Na escola as coisas são acessíveis, sem muita burocracia, como conseguir espaços, chaves, objetos, computadores e projetores. Os alunos têm acesso a todos estes itens. Observei que os diálogos na escola acontecem com frequência, digo isto por que não vejo ignorância de ambas às partes, pois quando há conflito sempre há conversa, não há uma punição arbitrária ou injusta, sempre se escuta os dois lados. Porém, em contrapartida, a ausência de professores que eventualmente faltam causam muitos horários vagos, às vezes alunos são dispensados e às vezes professores são sobrecarregados.

6 Dos Achados da pesquisa

Aqui farei uma primeira leitura dos dados coletados durante o período de observação na escola do Areal. O diário de campo com o relato das observações na íntegra, a entrevista e conversa informal encontra-se nos Apêndices. Cabe ressaltar que a partir da leitura do diário de campo cheguei a três categorias: dinâmica das aulas, participação dos alunos e interação do professor e demais aspectos relevantes. Neste capítulo, também olho a entrevista realizada com o professor de Teatro na Escola, Maicon Fernando O. Barbosa, e dou visibilidade para a roda de conversa realizada com os alunos.

6.1 Diário de campo

a) <u>Dinâmica das aulas</u>

Irei analisar a dinâmica das aulas do professor Maicon, trazendo partes do diário de campo em negrito e itálico, enfatizando a forma com que ele trabalha os conteúdos.

Normalmente, as aulas do professor Maicon sempre buscam uma linearidade de conteúdo, como vi na turma 205, onde o enfoque foi nas vanguardas, como dito no dia 09/10/2018: ***Após chamada, anunciou o que iria trabalhar neste bimestre, explicou um pouco sobre as vanguardas europeias e que também cai no ENEM e PAVE.*** Seguido do dia 11/10/2018: ***turma 205, dia de sol, eu e professor Maicon entramos em sala de aula, cumprimentou a todos e fez a chamada. Foi ao quadro e voltou a escrever sobre as vanguardas, em específico sobre o Dadaísmo, pediu para que todos copiassem, logo após todos copiarem iriam fazer um trabalho sobre.***

Formou grupos para seminários das vanguardas: Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Futurismo e Surrealismo. Aulas recheadas com teorias e apresentações de trabalhos.

Vejo que em ambas as turmas o professor Maicon é muito provocativo, sempre realiza perguntas e aplica trabalhos que exigem reflexões, como vi em

minhas primeiras observações, onde provocou com questões da seguinte forma, no dia 28/08/2018: ***No trabalho ele realizou duas perguntas: a primeira delas foi "O que é ter uma experiência estética?"; a segunda pergunta foi "Você se lembra de uma situação em que viveu uma experiência estética com uma obra de Arte?".***

O trabalho dele é voltado para perguntas e reflexões, bem como dinâmicas práticas que estimulam a cooperação e o trabalho em equipe. No período que os alunos iriam realizar a PIRC (Prova Integrada e Recuperação de Conteúdos), o professor Maicon sempre provocou os alunos com os conteúdos que ele havia abordado, realizando perguntas e instigando-os a procurarem as respostas ou até mesmo trocarem ideias sobre as respostas.

A teoria e a prática caminham juntas. O que o professor Maicon teoriza em suas aulas vai para a para prática, assim o aluno tem o contato com aquele conteúdo tanto na teoria quanto na prática, o que ocorre em ambas as turmas. A única diferença é o conteúdo em si. Vejo que no segundo ano é trabalhado o Teatro do Oprimido e no terceiro ano é trabalhado os jogos teatrais de Viola Spolin. Em relação ao conteúdo teórico, no segundo ano o surgimento da Arte e no terceiro ano a Estética.

As aulas do professor Maicon abarcam a Arte no geral, mas também trazem conteúdos do Teatro, segundo o diário de aula no dia 06/09/2018. O professor Maicon abordou diversas coisas que envolvem o Teatro, explicando sobre artistas e sobre especificidades do Teatro.

Artista – O agente da obra.
Obra – Que é consumida pelo público.
Público – É a matéria-prima para o artista.

Quais são as especificidades do Teatro:
Ator.
Dramaturgo.
Diretor.
Produtor.
Iluminação.
Contra regra.

Sonoplastia.

Assistente de direção.

Bilheteria.

Cenógrafo.

O professor Maicon também trabalhou com vídeos de performances, o que foi bem gratificante, com explicações sobre o que é performance, como o artista se prepara para a performance e como a performance provoca o espectador. Além disso, trabalhou no decorrer das aulas observadas a improvisação. Sempre após o improviso havia uma troca com os alunos sobre o que se tratava a cena, o que a cena queria dizer. Percebo o quanto o professor Maicon tem o cuidado de estimular a reflexão.

Durante as observações, percebi o grande potencial das aulas ministradas pelo professor. Além de contemplar outras linguagens da Arte, como Artes Visuais e dança, potencializa o Teatro em sala de aula a partir de um processo voltado para a formação crítica e expressiva do aluno.

b) <u>Participação dos alunos e interação do professor</u>

Em geral, os alunos do professor Maicon são extremamente calmos, não houve nenhum episódio de rebeldia. A interação com o professor é ótima, talvez o fato de ser o único professor de Artes nos segundos e terceiros anos faça com que os alunos tenham uma ligação mais forte.

Nas aulas práticas os alunos trocam experiências com o professor e opinam nos exercícios, com reflexões críticas do jogo teatral e após o jogo feito discutem sobre o exercício proposto. Em umas das aulas práticas na sala de dança, onde o tema do exercício era preconceito, todos discutiram em qual das cenas foi mais visível o preconceito.

O professor também ajuda os alunos em suas dúvidas, a partir de debates em aula, como pode-se analisar nos diários. Nos dias da prova PIRC, demonstrava preocupação com que seus alunos fossem bem na prova e também sua preocupação em passar aos alunos as vanguardas, pois é um tema que é explorado em vestibulares e provas, como PAVE e ENEM. Essa ligação com os alunos deixa as aulas mais interessantes e há um afeto mais intenso que proporciona uma liberdade de expressão, tanto por parte dos alunos quanto do professor, em um

espaço de brincadeiras, em um espaço de falar sério e em um espaço de ouvir o outro - isso é muito bonito de ver.

c) <u>Demais aspectos relevantes</u>

Vejo que às vezes há uma sobrecarga nos professores, pois sempre que alguns colegas faltam, outros professores têm que assumir duas turmas juntas e isso causa uma correria que, por vezes, não permite alcançar êxito no conteúdo que o professor se programou para realizar.

6.2 Entrevista

<u>O professor de Teatro na escola</u>

Aqui falarei um pouco a respeito da conversa e entrevista que tive com o professor Maicon.

O professor Maicon sempre fala que a realidade da escola é diferente do que se aprende na teoria. Como já realizei os estágios, sei bem do que ele está falando, pois tudo fica mais complicado quando não se tem experiência. Claro que nos dias de hoje o professor Maicon já sabe como lidar com situações extremas, pois são anos de experiência ministrando aulas todos os dias. Percebe-se isso no trecho abaixo, retirado da entrevista realizada com ele, pergunta nº 2: ***Ah sim, muito diferente, muito diferente, porque o estágio é alguns dias, dá tuas aulinhas maravilhosas e vai embora, e nós não, temos que estar aqui todos os dias com não sei quantas turmas, preparando aula todos dias e isso torna tudo muito diferente.***

O processo que o Maicon passou é parecido com o meu, onde eu aprendi a gostar de estar em sala de aula e de ser professor. No início, o pensamento é todo voltado em ser ator, é como ele mesmo fala em entrevista, quando fiz minha primeira pergunta: ***Meu primeiro semestre entrei no "Quilombo", foi onde começou o "Quilombo" com Paulo Gaiger. Ele nos convidou e eu já aceitei. Comecei a dar aula no bairro Navegantes de Teatro, comecei a gostar, fiz quase toda faculdade dando aula nos projetos, participei do PIBID, e foi aí que comecei a me apaixonar pela educação.*** Comigo não foi diferente, mas não queria entrar em projetos para dar aula, eu tinha que passar pelo estágio e foi aí que despertou meu interesse pela educação.

Quando comecei em meus estágios, sempre foi bem diferente da teoria, mas é claro que a teoria é uma base e foi me baseando nela que pude compreender mais sobre ser professor. Na última questão, pergunta nº 8, o professor Maicon deu a seguinte resposta: ***Eu acho que para os cursos de licenciatura, sempre acho que deveriam estar mais presentes na escola, porque a gente não tem realidade nenhuma do que é uma escola pública, do que é escola, o que tu aprende na faculdade, desculpa te dizer, mas é uma mentira.***

Concordo com o professor Maicon, pois talvez se eu estivesse mais presente dentro de escolas públicas conheceria mais a realidade, como já falei. Para mim, não foi fácil entrar em uma sala de aula, por outro lado não vejo que seja mentira o que se aprende na faculdade, penso que é apenas a base, o primeiro degrau, já que nunca se aventurou em uma escola pública.

Meus professores de Teatro e meus professores de estágio nunca disseram que seria algo fácil, pelo contrário, sempre alertaram sobre as dificuldades e imprevistos que poderiam ocorrer durante esse processo, como, por exemplo, o plano de ensino não ser desenvolvido na íntegra, o plano de aula não dar certo e as dificuldades de ser e ter responsabilidade como professor. Tive três ótimos professores de estágio que puderam me guiar nessa caminhada.

6.3 Roda de conversa

As aulas de Teatro

No dia 22/11/2018, em uma quinta-feira, fui a escola para uma conversa com os alunos sobre Arte e sobre as aulas de Teatro que são ministradas pelo professor Maicon. Pude analisar que há um distanciamento entre os alunos e professor, mas é um distanciamento de professor e conteúdo. Para o professor Maicon, eles adoram o jogo da bolinha que é um jogo de concentração, mas para os alunos eles veem como algo desnecessário, como foi dito na roda de conversa. Na turma 205, os alunos falaram apenas do que não gostam, pouco falaram o que e porque gostam de Arte e Teatro.

Acho que a maioria ficou com vergonha de falar o que realmente gostaria de falar, outros apenas disseram que gostavam por que não precisam copiar, por outro lado, quando acompanhei os jogos que o professor Maicon realizou, senti todos a vontade e pelo que pude ver estavam todos gostando, animados e imersos dentro

do jogo.

Já para turma 303, os alunos queriam ter mais peças teatrais e menos conteúdo teórico, isso na grande maioria. Mais uma vez poucos falaram, ninguém queria conversar, analisando os dois lados, tanto do professor Maicon quanto dos alunos. Os alunos fazem os exercícios, mas não os compreendem, porém, tem alguns que não copiam matéria, tiram foto do conteúdo que está no quadro, como se pode ver no diário em que anotei as observações. O professor Maicon sempre explicou os conteúdos e os alunos tiveram três aulas sobre as vanguardas, mas acredito que nem todo mundo presta atenção em aula, talvez por não gostar e não se identificar com Artes.

Os alunos da 303 também relataram que as aulas do professor Maicon foram diferentes quando fui observar. Segundo eles, as aulas ficaram mais práticas, ele começou a fazer mais coisas voltadas para o Teatro, exercícios e falar mais sobre Teatro.

A meu ver, as críticas dos alunos são construtivas, porém, falta-lhes o questionamento das coisas, porque o professor realiza aquele exercício e talvez após os exercícios uma roda de conversa com eles seria muito bacana, para ouvir um retorno.

7 Considerações Finais

Esta pesquisa foi muito significativa em minha formação como professor de Teatro, tendo em vista a minha inserção em uma escola pública para acompanhar como se configuram as aulas de Arte, especificamente, como o Teatro aparece nesse contexto e quais as possibilidades que surgem. Além disso, pude compreender os caminhos percorridos entre a formação inicial e o início da carreira profissional, ao dialogar com o professor de Teatro, formado em Teatro-Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas.

Busquei, no decorrer do processo investigativo, realizar um estudo sobre a inserção do Teatro na escola e as suas possibilidades na formação do aluno da educação básica. Percebi a importância que o Teatro agrega na vida do aluno, ou seja, o Teatro como potencializador de um cotidiano que por vezes o aluno ainda não enfrentou, mas reconhece esse cotidiano a partir das vivências com o Teatro em sala de aula. Um exemplo foi a aula de improvisação com o tema direcionado ao racismo. Após a cena, os alunos discutiram sobre preconceitos, mesmo que muitos ainda não tenham vivido algum tipo de preconceito.

Embora os alunos ainda fiquem confusos com o fato de ser trabalhado o Teatro para além da criação de peças teatrais, muitos reconhecem a importância desta linguagem artística e da Arte em sua formação.

Acompanhar a rotina de aula de um professor de Teatro, conversar com os alunos, entender como é a vida do arte-educador, escutar o lado do aluno e analisar as potencialidades e possibilidades do Teatro na educação básica foram momentos marcantes e muito relevantes no decorrer da pesquisa. Por mais que em roda de conversa com os alunos grande parte preferiu ficar em silêncio, os alunos jogaram juntos, fizeram criações coletivas e realizaram discussões sobre os exercícios. Em conversa informal que tive com um aluno após o término da aula, lembro-me que ele saiu afirmando o preconceito na cena que ele havia criado e considero que poder dividir aquele momento com ele foi enriquecedor, pois ele sentiu a necessidade de discutir a cena e de ouvir minha opinião sobre o que tinha criado.

O Teatro, por ser uma linguagem que acontece no aqui-agora, nem sempre é compreendida pelos alunos, que estão acostumados a outra dinâmica de construção do conhecimento. Porém, observei que aos poucos alguns alunos compreenderam que o Teatro propõe outra lógica focada na reflexão, na expressão e na comunicação.

Eu começo a me ver melhor como professor, ser um arte-educador, explorar esse potencial que o aluno tem através do teatro, trazer as vivências para a sala de aula, possibilidades de criação coletiva, reflexão de si mesmo e o que está ao seu redor, desenvolvimento de novas perspectivas e culturas. Vejo que os alunos ao longo do processo foram se modificando, ampliando suas possibilidades corporais e expressivas, exercitando o pensamento crítico e a alteridade. A partir das vivências teatrais começaram a ver e entender melhor o outro.

Ao retomar meu problema de pesquisa, que indaga “quais as possibilidades que surgem quando o Teatro se faz presente em uma escola pública do município de Pelotas?” observo tais possibilidades na vontade dos alunos em saber do que se trata o Teatro, durante os jogos teatrais e no respeito às regras do jogo, no envolvimento nos jogos de concentração, nos debates após os jogos, nas improvisações e criação de cenas. Desse modo, o Teatro se apresenta como possibilidade de constituição pessoal do indivíduo e reflexão sobre si mesmo.

Espero que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o olhar para o Teatro como linguagem a perpassar a formação do aluno da Educação Básica, reforçando e afirmando a importância da Arte como componente fundamental na escola. Penso ser de grande importância os alunos terem o retorno do professor, mas principalmente terem meu retorno sobre esta pesquisa, para refletir sobre o vivido. Reflexão fundamental no processo de constituição do sujeito.

Referências

ARCOVERDE, S. L. M. A importância do Teatro na formação da criança. **Educere**, p. 629-639, 2008. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/629_639.pdf >. Acesso em: 25 nov. 2018.

BARROS, G. S. **A educação problematizadora de Paulo Freire e o ensino de Teatro na escola Raphael Brusque.** 2014. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

FERREIRA, T.; FALKEMBACH, M. F. **Teatro e dança nos anos iniciais***.* Porto Alegre: Mediação, 2012.

GALINDO, T. D. **Teatro nas escolas: análise de duas práticas docentes de egressos da UFPel.** 2017. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo : Atlas, 2002

HARTMANN, L.; FERREIRA, T. **Módulo 16**: História da arte-educação para licenciatura em Teatro 2**.** Brasília: LGE Editora, 2009.

LUZ, A. A. **A Contação de Histórias e a Utilização de Jogos Teatrais na Sala de Aula Possibilidades para o Trabalho do Unidocente.** 2014. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MEDEIROS, M. **Experiência de Teatro**: uma possibilidade de transformação na educação. 2010, 37f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Pedagogia) – UFRGS, Gravataí, 2010.

MENDONÇA, C. S. Teatro na Escola Pública: um Direito. GALLO, F. D. (org.). **Cadernos do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade.** N. 35. Salvador: UFBA, 2015. p. 8-24.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, D. R. **Teatro na cena escolar - por uma educação de corpo inteiro.** 2011. 149. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSJ, São João Del Rei/MG, 2011.

NASCIMENTO, F. V.; SANTOS, J. C. A inclusão do Teatro na educação, faculdade de ciências sociais de Guarantã do Norte-MT. **Nativa, Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso**, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2013.

SILVA, A. L. R. **Do ensinar e do aprender Teatro na sala de aula**: criando e improvisando no colégio estadual Odorico Tavares. Florianópolis: UDESC, 2016. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/2914/Ana_Lucia_Ribeiro_da_Silva_Artigo__DO_ENSINAR_E_DO_APRENDER_15014356912896_2914.pdf> Acesso em: 26 nov. 2018.

SILVA, C. C. O fazer teatral e sua relação com a educação. **Revista Solta a Voz,** v. 17, n. 2, p. 103-118, 2006.

SILVA, E.; ABREU, J. M. A eficácia do Teatro em sala de aula. **Encontros Universitários da UFC**, v. 2, p. 4825, 2017.

SILVA JÚNIOR, A. D.; SILVEIRA, R. D. D.; FERREIRA, P. G. C. O Teatro como ferramenta de ensino e aprendizagem no ensino médio: uma análise das escolas públicas de Urutaí e Pires do Rio. **Multi-science Journal,** v. 1, n . 10, p. 12-20, 2018.

SOARES, C. **Pedagogia do Jogo Teatral**: uma poética do efêmero o ensino do Teatro na escola pública. São Paulo: Hucitec, 2010.

Apêndices

Apêndice A - Diário das Observações

Pelotas, 28/08/2018

Dei início as minhas observações do estudo de caso no dia 28/08/2018, uma terça-feira um pouco fria, porém o dia estava ótimo, visitei a escola do Areal (E.E.E. M – Escola Estadual de Ensino Médio). Procurei uma escola onde o arte educador fosse formado em Teatro, foi nesta jornada que conheci o professor Maicon Barbosa, formado pela Universidade Federal de Pelotas em Teatro Licenciatura.

Maicon tem oito turmas de Ensino Médio que são: 202, 203, 204, 205, 301, 302, 303 e 304, entre estas turmas, resolvi observar duas, escolhi a 205 e a 303, todas as turmas tem uma média de 20 a 25 alunos. Os dias de minhas observações ficaram em todas as Terças, Quintas e Sextas, alternando entre primeiro período e o terceiro.

No dia 28/08/2018 onde realizei minhas primeiras observações, tinha a carta de apresentação da universidade em mãos, então fui conversar com a professora Lia sobre minha jornada na escola e foi pedido uma carta da 5°Cre para que autorizasse minha pesquisa.

Mesmo não tendo a carta da 5°Cre em mãos, professora e coordenadora da escola me liberou para acompanhar o Maicon, fomos para turma 303, terceiro ano do ensino médio, entramos em sala de aula, me apresentei para turma e posteriormente fiz uma breve apresentação de que iria observar as aulas para um estudo de caso.

Sentei-me em uma classe e o professor Maicon iniciou sua aula com a chamada, logo após a chamada, foi até o quadro e propôs um trabalho sobre estética. No trabalho ele realizou duas perguntas, a primeira delas foi, “O que é ter uma experiência estética?”, a segunda pergunta “Você se lembra de uma situação em que viveu uma experiência estética com uma obra de arte?”. Exemplo: Cena de filmes, fotos, pinturas, ouvir músicas e etc.

Todos participaram do trabalho proposto, pegaram livros e os cadernos para revisar o que é a estética e para que ela serve.

Depois fomos para a sala 205 no, segundo ano do ensino médio, fiz a mesma apresentação para os alunos e expliquei o motivo por que observaria as aulas.

Maicon propôs uma aula prática no espaço de dança que a escola possui, ao chegar à sala a porta estava trancada e acabamos perdendo uns 15 minutos para

poder entrar na sala, a sala é bem grande e com espelhos em volta, fizeram um aquecimento com o jogo da bolinha, os alunos já sabiam jogar muito bem e foi perceptível que não era a primeira vez que este exercício era proposto. Foi alterando o exercício, não falar alto enquanto passa a bolinha até chegar à contagem de 50 sem que a bolinha caia no chão, é um ótimo exercício de aquecimento.

Após aquecimento fez o jogo do “Baltazar”, onde todos recebem ordens de Baltazar, toda vez que uma ordem é dita sem que a palavra seja, “Baltazar mandou”, a pessoa se move, estão eliminados do jogo, todos os alunos participaram e se divertiram com este exercício.

Por último a turma foi dividida em dois grupos para improvisar uma cena com tema sobre preconceito, não houve negligência no exercício e após termino do exercício o professor Maicon questionou qual foi o preconceito mais visível.

Pelotas, 04/09/2018

Como eu precisava de uma carta da 5°Cre, só consegui voltar às atividades no dia 04 de Setembro de 2018, outro dia maravilhoso de sol, fui para turma 303 com o professor Maicon, como já havia passado uma semana, a aula foi toda em torno de uma prova que os alunos fazem, é uma prova parecida com o Enem que consiste em responder questões elaboradas pelos professores da própria escola que aplicam a prova e ao final os alunos marcam as questões na grade.

Todas as aulas daquela semana foram planejadas para estudos da (PIRC)[3], professor realizou a chamada e foi ao quadro colocando pontos de estudo para turma responder as questões de artes na PIRC.

Os três pontos são:

- Arte Contemporânea.
- Arte Conceitual.
- Pina Baush.

Depois comentou sobre o grafite de rua e como é o grafite contemporâneo, após isto acabou a aula e fomos para outra turma.

[3] PIRC significa (Prova Integrada e Recuperação de Conteúdos), basicamente esta prova serve para o aluno como parte da sua nota, inclusive de recuperação de nota, com objetivo de promover a atenção, reflexão, analisar e uma construção coletiva do ato educar.

Turma 205, professor Maicon entrou em sala de aula e comentou sobre a PIRC e a revisão da mesma, como ainda haveria aula naquela semana com aquela turma, a revisão da PIRC ficou para próxima aula.

Fomos para o espaço de dança, após todos estarem no local realizou-se a chamada, pediu para que todos ficassem em roda e realizar o exercício da bolinha sem falar.

Após aquecimento com jogo da bolinha, Maicon ministrou outro exercício que consiste em comandos e ações, como não sei descrever o nome chamei o exercício de “Os Comandos”, havia uma sequência de comandos onde eles eram enumerados como, por exemplo: 1 caminhar em câmera lenta, 2 caminhar em duplas, 3 caminhar de costas, 4 pular, 5 estátua e 6 dar um giro.

Professor Maicon ia dizendo os números aleatoriamente o jogador que errasse o comando é automaticamente desclassificado.

Após o término do exercício foi realizado o exercício do Baltazar mandou com todos os alunos.

Pelotas, 06/09/2018

Quinta-Feira do dia seis, era véspera do feriado da Independência do Brasil, chegamos à turma 205 onde a revisão da PIRC havia sido marcada, o conteúdo selecionado para estudo foi “A Tríade”, que fala sobre:

Artista – O agente da obra.

Obra – Que é consumida pelo público.

Público – É a matéria-prima para o artista.

Quais são as especificidades do Teatro:

Ator.

Dramaturgo.

Diretor.

Produtor.

Iluminação.

Contra regra.

Sonoplastia.

Assistente de direção.

Bilheteria.

Cenógrafo.

Também marcou como estudo os gêneros teatrais e o surgimento, por último, do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Encerrou-se a semana de aula.

Pelotas, 11/09/2018

Após feriadão, fui observar a prova PIRC na turma 303, ajudei o professor Maicon a distribuir as grades enquanto ele distribuía as provas, aguardei o término da prova e fui embora.

Pelotas, 13/09/2018

Após feriadão, fui observar a prova PIRC na turma 205, ajudei o professor Maicon a distribuir as grades enquanto ele distribuía as provas, aguardei o término da prova e fui embora.

Pelotas, 25/09/2018

Voltando após prova da PIRC e reunião de colegiado, fui para 303, Terça-Feira às 07h45min horas da manhã, dia de sol. Maicon chegou à sala 303 entregou diversos trabalhos corrigidos que foram feitos antes da PIRC. Perguntou sobre dúvidas das notas, passou o tempo todo atendendo os alunos e conferindo as notas.

Fomos para turma 205 e o mesmo se repetiu, os alunos tomaram o tempo todo de aula conversando sobre as notas e seus rendimentos, enquanto Maicon ao mesmo tempo entregava os trabalhos corrigidos.

Pelotas, 09/10/2018

Retornei apenas na Sexta-Feira do dia 09 de Outubro, pois, dia 03/10/2018 em um Sábado, ocorreu uma tempestade na cidade que, destelhou boa parte da escola, resultando no cancelamento das aulas. No dia 09, antes de começar a

jornada, entrei na sala dos professores com o professor Maicon e conversamos um pouco.

Indo para sala de aula, comentou-me sobre o novo bimestre, os alunos foram ver as notas gerais, permaneceram apenas três alunos em sala até a grande maioria voltar, aproximadamente cinco minutos de espera, todos os alunos voltaram. Iniciando novo bimestre, Maicon realizou a chamada e logo após da mesma foi ao quadro e colocou uma pergunta aos alunos, “O que eles queriam aprender sobre arte?”, “Qual conteúdo da disciplina de arte que mais gostaram dos semestres anteriores? Justifique?”, o restante da aula foi os alunos anotando e entregando ao professor as coisas que mais gostaram de fazer nos bimestres anteriores, onde a grande maioria prefere jogos teatrais.

Turma 205, entramos em sala, cumprimentou os alunos, pediu silêncio e começou a chamada. Após chamada anunciou o que iria trabalhar neste bimestre, explicou um pouco sobre as vanguardas europeias, e que, também cai no Enem e Pave.

Formou grupos para seminários das vanguardas, Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Futurismo e Surrealismo. Colocou tudo no quadro sobre como e o que devia conter na pesquisa dos alunos, as apresentações foram marcadas para 23/09/2018 e 25/09/2018, dividindo os seminários em dois dias de apresentação, como Dadaísmo ficou sem grupo, próprio professor Maicon explicou sobre o movimento e algumas obras até o final daquela aula.

Pelotas, 11/10/2018

Turma 205, dia de sol, eu e professor Maicon entramos em sala de aula, cumprimentou a todos e fez a chamada. Foi ao quadro e voltou a escrever sobre as vanguardas mais em específico sobre o Dadaísmo, pediu para que todos copiassem, logo após todos copiarem iriam fazer um trabalho sobre, o sinal bateu e a aula terminou, o trabalho ficou para próxima aula.

Pelotas, 16/10/2018

Primeiro período de uma terça-feira na turma 303, professor Maicon entrou em sala, pediu silêncio, sentou-se para realizar a chamada, após a chamada começou a explicar o que é performance e que aula seria sobre performance, escreveu uma breve informação sobre performance, aguardou os alunos copiarem e o sinal tocou anunciando o fim do período.

Turma 205 continuando sobre a vanguarda, explicando mais detalhes sobre a vida de Marcel Duchamp e seus feitos pela arte, após explicar aguardou copiarem o que havia no quadro, realizou a chamada, abriu a agenda e olhou a data de apresentação de seminário sobre vanguardas e deu-se o fim da aula.

Pelotas, 30/10/2018

Turma 303 professor Maicon convidou a todos para irem à sala de vídeo, chegando a sala de vídeo explicou que seria um vídeo sobre performance, o título do vídeo era “Perfoda-se”, onde mostrava artistas que trabalhavam apenas com o corpo nu em ambientes urbanos, o vídeo cobria todo tempo de aula, após vídeo Maicon explicou brevemente que haveria trabalho sobre o vídeo na próxima aula. Com a falta de um professor subiu um período e o Maicon teve de ministrar aula na 302 antes da 205, convidou os alunos da 302 para assistirem o mesmo vídeo e explicou sobre o trabalho na próxima aula.

Turma 205, Maicon realizou a chamada e avisou sobre o seminário, o grupo começou a se organizar, o grupo apresentou um seminário sobre o expressionismo, uma apresentação com slide e notebook, após a apresentação, professor Maicon realizou duas perguntas sobre o expressionismo e finalizou a aula. Avisou também que não haveria aula na Quinta-feira 01/11/2018 e Sexta-feira 02/11/2018, dia 1° paralisação do servidor público e dia dois feriado dos finados.

Pelotas, 06/11/2018

Manhã de terça-feira, turma 303, neste dia houve uma falta de dois professores e o professor Maicon subiu dois períodos, realizou uma amostra de performance na sala de vídeo era outra performance, sobre um artista que se

deitava e ficava nu em um museu e você poderia moldá-lo após o término da aula e do vídeo a turma 202 que subiu um período foi até a sala de vídeo, havia ainda um grupo que não tinha apresentado o seminário sobre o futurismo, após apresentação professor Maicon realizou perguntas ao grupo sobre o futurismo, outros alunos também debateram sobre as vanguardas e sobre características até o final da aula.

Turma 205 também foi para sala de vídeo assistiram a uma vídeo aula das vanguardas europeias e estudaram os quadros e os pintores das obras vanguardistas.

Apêndice B: Conversa informal com o professor

Maicon Barbosa

Lucas – Como tu organizas tuas aulas?

Maicon – Ahhh então, dou aula para os segundos e terceiros anos. Então todos os anos a gente tem um conteúdo selecionado para trabalhar, conteúdo programático. Eu mudei bastante o conteúdo, porque é voltado mais para as artes visuais e aí eu inclui o Teatro, são aulas mesmo de Teatro, para trabalhar com eles. Eu selecionei assim já trabalhei com o primeiro, segundo e terceiro comecei a trabalhar ano passado. Daí eu tive que eu fazer o conteúdo dos terceiros que não existia. Tá vamos começar do primeiro, não no segundo que eu trabalho (risos). Tá é que como eu dava aula nos três acabei dividindo os conteúdos, mas assim com segundo ano agora deste ano que eu trabalho é, Teatro do Oprimido no primeiro semestre né, na verdade história do Teatro o início do Teatro, as tragédias e comédias, não, claro que não tem como avançar muito né.

Lucas – Tu dizes focar muito neste conteúdo?

Maicon – Focar nisso e avançar até por que a gente não tem muito tempo.

Lucas – No caso é pegar uma arte no geral?

Maicon – É e também só tenho dois períodos por semana, então fica muito complicado, quando dá para fazer, para esmiuçar o conteúdo daí a gente faz mais ou menos por cima, então consegui trabalhar com o início do Teatro contando a história do começo e rituais dionisíacos e aí depois tragicomédia, foram os primeiros gêneros teatrais.

Lucas – Sim.

Maicon – Aí depois passei para o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, juntamente com essas, eu intercalo com vídeos, aulas práticas, filmes, não fico focado apenas na teoria.

Lucas – Claro.

Maicon – Também coloco vídeos para eles verem né, como é que funcionava, ver também não ficar só falando né, e geralmente com aulas práticas teatrais, trabalho o Teatro do oprimido, jogos teatrais com eles.

Lucas – Uma coisa que achei interessante foi, a galera falando em crítica e com boas reflexões isso aí é, nunca no tempo que eu estudava tive isso, obras

abstratas como quadros e a galera tendo uma reflexão sobre, também tu falas sobre estética, que na minha época eu pelo menos não tive.

Maicon – É porque geralmente, eu sempre procuro trazer um pouco da crítica, por que a arte é isso, arte é uma crítica à sociedade, desde sempre né, então eu sempre procuro trazer, no terceiro ano foi isso que eu decidi trabalhar, com arte contemporânea.

Lucas – Sim, como tu estava explicando ali sobre contemporânea e conceitual.

Maicon – Isso é, então no começo do ano eu trouxe um texto até falando sobre as artes que foram censuradas, então eu trouxe muito para discutir sobre isso, falando sobre isso, de fazer pensar sobre isso.

Lucas – Também achei muito bacana que tu colocaste Pina Baush para os alunos, eu só fui ouvir sobre ela na faculdade entende.

Maicon – Ahhh sim o bom dessa galera nova que tá se formando em Teatro é trazer um pouco disso né, minhas aulas de arte foram só desenhar na minha época. Quando eu vim aqui para escola a tradição era essa, ué professor, mas arte não é desenho? Eu disse que era formado em uma das artes e a minha era o Teatro, quando entrei na escola eu dava aula para o fundamental e para eles é pior ainda explicar o que é aula de Teatro, conseguir trabalhar jogos com eles e filmes, paleta de cores, nem tudo eu podia mudar eu falo sobre a arte em um geral.

Apêndice C – Entrevista semiestruturada com o professor

Maicon Barbosa

1) Como foi tua formação até se tornar professor de Teatro?

Me formei muito novinho lá no ano de 2000, só que aí eu não quis fazer nada, sempre quis fazer Teatro, faculdade de Teatro e aqui em Pelotas não tinha faculdade de Teatro né. E daí fui fazer outras coisas, mas antes disso eu trabalhei em um projeto do governo Lula, chamado MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), aí que eu comecei a ser professor. Nesta época eu comecei a alfabetizar adultos neste projeto, fiquei dois anos nesse projeto e aí depois desse projeto foi o que na verdade me despertou para ser professor né. Era outra coisa né, alfabetizar adultos, sabe é bem diferente, são pessoas mais velhas e acho que minha vontade de ser professor veio daí, mas mesmo assim sempre quis fazer Teatro ser ator e tal, e ai veio a ideia de ir pra Curitiba que tinha a faculdade de Teatro do Paraná e tinha cursos de Teatro. Eu fui em 2005 para fazer faculdade, cheguei lá não consegui a faculdade, não passei no vestibular aí me desiludi e fiquei fazendo um curso de Teatro lá no ateliê de criação teatral, muito legal lá, trabalha muito o processo criativo. Depois dessa bagagem, abriu o curso de Teatro em Pelotas e eu decidi fazer, voltar pra Pelotas e fazer o curso. Aí vim para cá, acabei fazendo em 2009, mas sempre com a intenção de ser ator, por mais que fosse licenciatura não tinha essa coisa de ser professor. Comecei a me apaixonar pelo curso, participar de projetos, entrei nos projetos para dar aula. Meu primeiro semestre entrei no “Quilombo”, foi onde começou o “Quilombo” com Paulo Gaiger. Ele nos convidou e eu já aceitei. Comecei a dar aula no bairro Navegantes de Teatro, comecei a gostar, fiz quase toda faculdade dando aula nos projetos, participei do PIBID, e foi aí que comecei a me apaixonar pela educação. No meio da escola pública trabalhei também com o “Mais Educação” aqui na escola do Areal, ainda quando estava na faculdade, trabalhei um ano o Teatro aqui na escola pelo mais educação, foi 2011 eu acho. E aí depois surgiu a oportunidade do concurso para o estado, no último ano do curso, acabei fazendo. Pensei, vou fazer né, não é minha vontade de ser professor, mas vou fazer, vá que eu passe pelo menos tenho emprego garantido, foi isso que pensei. Sem menor pretensão fui fazer a prova só por fazer, quando vi o resultado eu tinha passado (risos). Meu Deus vou dar aula!

Demoraram pra me chamar, me formei, fui trabalhar no comércio até me chamarem no concurso e para minha sorte me colocaram aqui nesta escola. Nesta escola que eu estudei, trabalhei aqui e já conhecia todo mundo né, que legal ia ser, quando vim pra cá me apresentei para o diretor e aí vim dar aula aqui.

2) Tu podes me relatar sobre tua inserção na escola? Foi muito diferente entrar como estagiário e posteriormente como professor?

Aaah sim, muito diferente, muito diferente, porque o estágio é alguns dias né, dá tuas aulinhas maravilhosas e vai embora né, e nós não, temos que estar aqui todos os dias com não sei quantas turmas, preparando aula todos dias e isso torna tudo muito diferente né, em poucas aulas não dá para ter um contato com a escola, não tem muita convivência, tanto com os alunos e com outros professores, como estagiário não tá no teu dia-a-dia a escola, tudo foi diferente, quando trabalhei no mais educação, no estágio. Tanto que quando vim pra cá dar aula no sexto ano, sexto ano imagina, são punk, punk, punk, é uma das piores turmas que tem. Cheguei na sala de aula e aquele monte de guri bagunçando tudo aquele loqueiro, eu meu Deus cadê Paulo Freire, cadê o Vigotsky, cadê esses teóricos que ensinam tanto e não serve pra nada, não serve pra nada, na teoria tudo muito bonito, na prática é muito diferente. Eu acho que é isso que é errado dentro da faculdade, ensina muito teoria, na verdade é na pratica que tu realmente aprende só se torna professor na prática, nenhum Paulo Freire, nenhum Vigotsky, Piaget vai te dizer como é ser professor, só vai aprender dando aula, todos dias lá

3) Como foi negociar com a escola o conteúdo de Teatro, já que és professor de Arte?

Na verdade (risos), aqui sempre teve muita liberdade ninguém nunca me cobrou, eu sempre falei que era formado em Teatro e que minhas aulas seriam ligadas ao Teatro, nunca ninguém veio me cobrar, a não porque tu tem que dar isso e aquilo. Tem o cronograma que foi apresentado quando comecei aqui, a escola te dá uma base, não é que tu tenha que seguir, eu reformulei algumas coisas, não sigo à risca, a maioria é só artes visuais né.

4) Como os alunos reagem quanto tu enfocas especificamente o Teatro?

Eles adoram, adoram jogos teatrais, tanto é que tu presenciou as aula né, é

algo diferente, não é aquela coisa que tu tá acostumado a ficar sentado, copiar do quadro, sempre quando tem coisa diferente eles se divertem, se empolgam e eu adoro também aula prática né (risos), eu me divirto muito com os alunos quando faço aula prática e improvisações também, eles gostam bastante, porque é algo diferente né.

5) Percebi nas observações que muitos exercícios se repetem. Faz parte da tua metodologia ou é algo solicitado pelos alunos?

Com certeza a galera gosta, Baltazar mandou desde o fundamental ele pedem (risos), mas é um jogo legal e eles gostam né, jogo de atenção e coordenação né.

6) O que tu tens a dizer sobre o Teatro na escola e sua repercussão na formação e aprendizado dos alunos?

Eu acho assim que o Teatro logo quando entrei pra cá, eles tem essa visão, todas escolas tem né, tem teatrinho na escola, tanto é que no primeiro dia que cheguei aqui, ai que legal tu é professor de arte, vai enfeitar a escola vai fazer teus teatrinhos, dá pra fazer um no final de ano ou dia das mães. Mas não né, meu trabalho é outro, então cabe à gente se impor também como profissional e tu também mostrar o teu trabalho, a visão que eles têm da arte é só desenhinho, tanto é que eles nem perguntam mais, não vê os alunos pedindo desenhos, eu expliquei que arte não é só desenho, música, dança, Teatro. Essa visão eles mudaram, tanto os alunos como os professores, eu disse que não iria fazer teatrinho, se eu fosse fazer seria uma peça legal, um trabalho bom.

7) Para ti o Teatro abre possibilidades dentro da escola. Por quê?

Bom eu acho que é isso, trazer o debate pra sala de aula, fazer os alunos refletirem e discutirem mais, se tornar mais sujeito ativo, eu trabalho com filmes, vídeos de peças, documentários, tem tudo isso né, o que a arte faz e o que a arte transforma, eu gosto de trabalhar essa área crítica do pensar a arte, todas as mudanças que ocorreram no mundo foi através da arte né, na ditadura militar quantas coisas foram proibidas, músicas censuradas, a arte é resistência né, estamos ai sempre lutando e resistindo e acho que é isso.

8) Queres dizer mais alguma coisa?

Humm, assim ó, eu acho que para os cursos de licenciatura, sempre acho que deveriam estarem mais presentes na escola, porque a gente não tem realidade nenhuma do que é uma escola pública, do que é escola, o que tu aprende na faculdade, desculpa te dizer mas é uma mentira.

Apêndice D – Roda de conversa com os alunos

Turma 205

Lucas – O que vocês têm a dizer das aulas de arte, especificamente de Teatro?

Aluno Jeremias – O jogo da bolina, por que é massa e geralmente não faz nada.

(Risos).

Aluna Maria Carolina – Eu não gosto do jogo da bolinha, eu gosto de Teatro, eu gosto de artes, mas até ali, eu aaahhh tem aulas que é bem chato, tem dias que é bom e outros não, eu acho que é necessário a gente aprender artes, mas não é uma coisa que eu gosto, interessante a gente ver como os atores fazem, o jogo da bolinha pra se concentrar o Maicon fala isso, que é bom para concentração, mas sei lá, pra mim não tem muita diferença em concentração.

Lucas – Pode ser que talvez a tua concentração seja de outra forma ou outro exercício né.

Aluna Maria Carolina – É pode ser que sim, eu gosto de Teatro, eu acho legal.

Aluno Gustavo – Eu também gosto de Teatro, gosto de artes e acho que agrega bastante, ver as dificuldades que os atores antigamente tinham de interpretar, de ver o que eles faziam, mas também tipo jogo da bolinha assim, uma aula, duas, mas também acho que agrega na concentração, o problema é que tem colega aqui que não sabe nem os números (risos), então ai recomeça o jogo tudo de novo, toda hora tem que reiniciar aquele jogo, isso é chato.

Aluno Henderson – Eu não gosto muito, mas eu participo, na verdade não gosto muito de vir pra aula, eu acho que legal o Teatro, assistir peça de Teatro, mas vir pra aula só venho por que tenho que vim, gosto quando o Maicon dá aulas práticas pra gente, acho legal.

Aluna Luiza – Eu gosto é de brincadeiras, gosto de me divertir nas aulas práticas.

Lucas – Além do jogo da bolinha o que mais vocês teriam a falar sobre?

Aluna Maria Carolina - Acho que assim ó, artes é uma coisa mais, acho que é importante ter na escola, mas, eu gosto quando o Maicon nos passa a teoria, na prática eu não vou usar aquilo ali sabe, na teoria eu vou usar como, por exemplo:

quando eu for fazer a prova do ENEM ou a do PAVE eu vou ter aquilo ali sabe. E também é uma forma de entender a cultura, tipo quando o Maicon deu uma aula que a gente viu vídeos e performances, foi bem bom pra ver a cultura, tem pessoas que julgam as coisas sem saberem, as aulas de artes servem pra conhecer a cultura do teu país e do mundo.

Aluno Kauã – Eu gosto eu acho legal, não ficar copiando matéria ter outra atividade.

Lucas – Alguém mais? Tem algo a dizer?

Aluna Maria Carolina – Eu quando era criança queria fazer veterinária ou Teatro, aí fiz aulas de Teatro, mas eu vi que não ia conseguir ganhar a vida tão fácil assim, ia ter que batalhar muito e hoje em dia quero ser outra coisa.

Aluno Gustavo – Eu sei que na área das artes eu não vou fazer nada, mas essa parte da teoria, de entender, ler sobre a arte isso eu vou fazer, é que às vezes tipo jogar o jogo da bolinha por várias aulas não me acrescenta em nada entende, é isso.

Lucas – Bom pessoal então é isso agradeço a todos, obrigado por tudo, abraços.

Turma 303

Lucas – O que vocês têm a dizer das aulas de arte, especificamente de Teatro?

Aluna Cintia – Quando o Maicon passa alguma coisa eu acho que tipo, muitas vezes não vai me acrescentar em nada, nenhum conteúdo, ele só passa texto de umas pessoas que nem sei quem são e de umas pessoas que nunca ouvi falar na vida, simplesmente ele vai lá escreve no quadro e deu, tchau pra vocês, aí quando vamos para o Teatro ele faz apenas uma brincadeira que creio eu que é do Teatro sim, mas é mais uma brincadeira só para brincar, não para o Teatro em si. Parece que ele só vem para dar a aula dele e tchau, parece que não gosta de dar aula.

Aluno Gilmar – Eu gosto muito das aulas do Maicon, sempre tem uma atividade diferente.

Aluna Ingrid – Eu acho que como é Teatro a gente deveria fazer mais peças, entrar mais no mundo do Teatro.

Aluna Gabriela – Tipo ele começou fazer mais coisas depois que tu apareceu, ele nunca fazia nada de Teatro, aí quando tu apareceu ele começou a fazer tudo de novo, fazia tempo que ele não falava sobre, e mesmo assim com brincadeiras repetidas.

Aluna Cintia – Eu preferia que ele conversasse mais com a gente sobre Teatro e artes do que escrever monte coisa no quadro e tchau.

Aluna Gabriela – Eu mesmo acabo nem entendendo nada sobre artes, só copiar texto e às vezes eu trabalhinho e tipo tem exercícios que vale ponto, não só na teoria, mas eu não gosto de ter que fazer prática.

Juan Carlos – Peça de Teatro mesmo a gente só fez no primeiro ano, e isso que nem era uma aula de artes, foi o único momento que a gente teve contato com Teatro.

Victória – Eu acho que seria interessante fazer uma peça. No primeiro ano que fizemos essa peça, era dividido em grupos e a gente ensaiava, e todo mundo fez.

Juan Carlos – Os ensaios eram bem legais, mas eu não gostei de apresentar.

Lucas – Algo mais que queiram falar?

Victória – As aulas de Teatro no Teatro são muito diferentes dessas daqui?

Lucas – Humm sim é diferente por que na faculdade eu aprendo Teatro na teoria, Teatro na prática e também como ser um professor, o curso é licenciatura, não é focado para ser um ator ou atriz, é um estudo sobre Teatro bem aprofundado de quatro anos, no ensino médio vocês vão ter uma arte em geral, e com poucos períodos talvez não de para aprender nem o básico, não sei se respondi bem é isso?

Victória – É isso.

Lucas – Então é isso, obrigado a todos.

Anexos

Anexo A – Carta de Cessão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES / FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE IMAGINÁRIO, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maicon Fernando O. Barbosa declaro que:
Concordo total e voluntariamente de fazer parte do estudo intitulado **"Teatro como campo de possibilidades"** realizado por Lucas Ulguim Porto, acadêmico do Curso de Teatro Licenciatura

- Fui informada(o) de forma clara e detalhada a respeito do objetivo do estudo, bem como dos procedimentos envolvidos;
- Concordo em cooperar inteira e gratuitamente com os pesquisadores;
- Estou ciente de que tenho total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento e que essa desistência não irá me prejudicar de forma alguma;
- Fui notificada(o) de que não serei identificada(o) e de que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade. Da minha parte, não devo restringir, de forma alguma, os resultados que possam surgir nesse trabalho.

Assinatura do sujeito de pesquisa: Maicon Fernando O. Barbosa

Assinatura da coordenadora do projeto: Lucas Ulguim Porto
Lucas Ulguim Porto

Pelotas, 23 de Novembro de 2018.